

## NOTÍCIAS

### Apontamentos Inéditos de António Mendes

Na sequência da publicação de manuscritos inéditos do Arquivo dos Serviços Geológicos de Portugal, damos, agora, conhecimento de um trabalho de António Mendes.

António Mendes entrou, como servente, para os Serviços, em Janeiro de 1870, tendo-se especializado nas pesquisas do Terciário e das cavernas, e atingindo a categoria de colector de 1.ª classe, vinte anos depois.

Em 1881, fez parte da Expedição Científica à Serra da Estrela, mas, por doença, voltou para Lisboa antes do fim daquela.

Faleceu a 1 de Fevereiro de 1909, com 74 anos.

Como nota curiosa, não queremos deixar de referir que Paul Choffat lhe dedicou, em 1910, um exemplar do Bajociano de Cesareda, com o nome de *Rhynchonella mendesi* (1).

Neste manuscrito, António Mendes refere várias estações arqueológicas,

nomeadamente as Grutas Artificiais do Casal Pardo (Palmela), o Castro de Coina-a-Velha (Palmela), o Dólmen do Zambujal (Bucelas), a Gruta da Cova da Moura (Torres Vedras), as Grutas do Poço Velho ou de Cascais e a Gruta do Cabeço de Turquel.

As Grutas do Casal Pardo sofreram três explorações: a primeira foi realizada por Nery Delgado e Pereira da Costa; entre Abril de 1876 e 1878, trabalharam, nelas, António Mendes e Agostinho José da Silva, sob a direcção de Carlos Ribeiro; em 1907, A. J. Marques da Costa voltou a explorá-las.

Foram referidas, entre outros, por Cartailhac, Leite de Vasconcelos e Belchior da Cruz, que publicou outro manuscrito de António Mendes, sobre as Grutas de Palmela.

A publicação conjunta dos materiais do Museu dos Serviços Geológicos de

(1) Agradeço ao Engenheiro-Chefe dos Serviços Geológicos, Moitinho de Almeida, as valiosas informações que me prestou para a realização deste trabalho.

Portugal e do Museu Etnológico de Belém deve-se a Vera Leisner, Georges Zbyszewski e Octávio da Veiga Ferreira, em 1961.

As inuações sucederam-se desde o Neolítico local até ao Campaniforme, como cultura mais característica.

O Castro de Coina-a-Velha é, provavelmente, segundo Leite de Vasconcelos, o local da antiga cidade romana de Equabona.

O Dólmen do Zambujal, a que António Mendes se refere, não foi encontrado por nós, quando de uma visita feita, com o Dr. Veiga Ferreira, ao local.

Constatámos, porém, que esta região é constituída por basaltos, apresentando disjunções prismáticas, em bancadas, que, de forma alguma, se assemelham com esteios de um dólmen, mesmo tombados.

A Gruta da Cova da Moura foi explorada, em 1932, por Ricardo Belo e Leonel Trindade, apresentando várias fases de ocupação: uma primeira neo-eneolítica, outra com influências de Almeria, outra da Cultura Campaniforme e uma última, possivelmente, argárica.

A cronologia absoluta poderá ser determinada entre 2500 e 1400 anos a. C.

As grutas de S. João das Lampas a que António Mendes se refere são, possivelmente, as que deu conhecimento a Leite de Vasconcelos, em Abril de 1895, denominadas Covas dos Mouros.

Nas Grutas do Poço Velho foram feitas escavações, por Carlos Ribeiro, em Março e Abril de 1879, tendo sido

referidas por inúmeros autores, desde 1880, até aos nossos dias.

Pertencem ao apogeu do Eneolítico, sendo caracterizadas pela ausência de Campaniforme.

Da Gruta do Cabeço de Turquel, cujo material se encontra, ainda, inédito<sup>(2)</sup>, no Museu dos Serviços Geológicos de Portugal, foi publicado, por Camarate França, um vaso zoomórfico, considerado como do Bronze I, e referido, anteriormente, por Cartailhac, ao confrontá-lo com estatuetas de animais, dos palafitas da Suíça e de Sabóia.

Para finalizar esta breve introdução, não queremos deixar de notar uma divergência de datas, no manuscrito de António Mendes, o que, de qualquer modo, não o desvaroliza.

Refiro-me, concretamente, ao ano que António Mendes indica para a exploração das Furnas das Alcobertas (Rio Maior).

Tendo o falecimento de Carlos Ribeiro ocorrido em 13 de Novembro de 1882, a sua intervenção foi, forçosamente, anterior.

Levantado o problema, o Dr. Georges Zbyszewski encontrou, junto do material desta proveniência, exposto no Museu dos Serviços Geológicos de Portugal, duas notas manuscritas que reconhecemos como da autoria de António Mendes, situando a escavação em Abril de 1880.

*Maria Cristina Santos*

(<sup>2</sup>) O espólio desta jazida está em estudo pela signatária, em colaboração com Georges Zbyszewski e O. da Veiga Ferreira.

### Apontamentos de diversas localidades onde foram encontrados objectos pré-históricos

Apontamentos das localidades onde foram encontrados objectos pré-históricos. Notícia de uma fortaleza que pelo risco e construção bem deixa ver que é mui remota. Descrição das furnas artificiais do Casal Pardo. Notícia de alguns dólmenes e furnas naturais.

De Palmela para SO corre a cordilheira que se estende por alguns quilómetros sem interrupção; em todo este prolongamento encontram-se vestígios que existiu por ali ao perto estações pré-históricas. Saindo de Palmela para SO pela falda norte da dita cordilheira, a 900 m pouco mais ou menos encontra-se uma propriedade denominada Quinta Queimada: é neste ponto onde se encontra a maior evidência de quanto deixo dito, e pelos objectos encontrados parece-me pertencerem a duas épocas diferentes; exponho-me a tanto por ver os machados, facas e pontas de setas largas de sílex, iguais às que encontrei em Carnaxide e Barcarena; conjuntamente encontram-se fragmentos de loiça, que bem demonstra pertencer a época mais recente.

Subindo ao alto, encontra-se a caminho de pé-posto que ao longo da cordilheira dá serventia para os moinhos; para um e outro lado, paralelamente ao caminho, se vêem alguns montículos à semelhança do da Fonte da Rotura; nas pequenas escavações que fiz só encontrei ossos de animais.

Andando mais algumas dezenas de metros para SO, sempre ao longo da cordilheira mas um pouco ao descair para o sul, encontra-se a rocha cortada à semelhança de degraus; o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Carlos Ribeiro, quando foi estudar aquelas localidades, disse que ali era o ponto onde faziam adoração; próximo, ainda mais para SO, encontra-se um resguardo defendido pela rocha, bastante saliente, com alguns cortes que demonstram ter servido para meter paus para defesa da entrada. Andando no mesmo rumo, descaindo um pouco para o norte há um espaço de terreno onde estão metidas algumas lajes, que parece demarcarem habitação ou coisa idêntica; foi aqui que encontrei um bocado de grés convexo, que bem demonstra ter servido para aperfeiçoar utensílios, especialmente machados.

A 800 m a S 30° O deste mesmo ponto, na base norte, estão situadas as furnas artificiais do Casal Pardo<sup>(3)</sup>; contíguo ao oeste está a Aldeia de Cima; como está no mesmo prolongamento, não deixará de estar em cima de alguma furna, o que não é fácil ver.

As furnas que exporei são quatro e numeram-se da seguinte forma:

#### N.º 1

A primeira, indo de Palmela, tem 12 m de diâmetro e 2,50 m de alto; tanto esta como as outras são feitas à semelhança de grandes fornos de cozer pão, com a diferença de serem abertas

(3) Estampas I e II.

por cima, no centro, com um diâmetro de 3 m e tanto; este trabalho ou foi feito para dar luz, ou para facilitar o que desejavam depositar; a entrada é pelo lado sul, por uma concavidade também aberta artificialmente de 1,30 m de alto e o mesmo de largo, tendo no fundo a segunda entrada, que se parece com a boca de um forno; o seu acabamento está bem perfeito, contudo não encontrei emprego de ferramenta de metal; dentro da furna havia bastantes pedras e terra, notando-se até certo ponto ter sido mexida; corria por ali voz geral que o antigo dono do Casal explorou duas furnas, portanto pode ser esta uma das exploradas; a intenção deste homem era encontrar dinheiro; foi bastante mau para nós, porque a maior parte do que se encontrou era tudo fragmentos, à excepção das pontas de setas e contas.

## N.º 2

Dista da primeira uns 12 m e o seu diâmetro é menor, sendo a altura pouco mais ou menos a mesma; a entrada é por cima, por uma galeria aberta no sentido do prolongamento das furnas; tem de comprimento 4 m e de largo 0,70 m, isto é, nas extremidades, porque no centro alarga mais; é bastante inclinada, para poder ganhar o nível da furna; estava completamente cheia de terra; foi nesta galeria que se encontraram alguns objectos, enquanto que na furna muito poucos e também se conhecia a terra bastante leve, o que dava indícios de ter sido mexida.

## N.º 3

Esta furna está pouco mais ou menos a igual distância que da primeira à segunda; demonstra que a entrada era pelo lado sul; não se pode ver o formato por causa de estar destruída porque tiraram pedra a fogo para construções, enquanto que o formato interior, pelo que resta, demonstra que é o mesmo das outras; o diâmetro não é inferior ao da primeira e nem mesmo a altura; o solo está como que dividido por umas saliências de tufo, que parece ter sido posto ali às mãos-cheias; esta furna demonstrava ter sempre tido pouca terra; a que se lhe encontrou era completamente vegetal, e parece ser da primitiva; tinha poucos ossos, mas os que se encontraram estavam em bom estado; tanto loiças como todos os objectos artificiais são dos mais perfectos; por tudo isto e pelos compartimentos de tufo, como acima digo, demonstra ter pertencido esta furna aos maiores daquela colina.

## N.º 4

Está no mesmo prolongamento e a igual distância; é mais pequena que todas as outras; o formato é também o mesmo; estava completamente cheia de terra, e os objectos tanto se encontravam em cima como em baixo, tudo em desarmonia; tinha bastantes crâneos; parte deles estavam completamente desfeitos; a entrada era pelo lado sul e por uma outra pequena que estava contígua; foi nesta pequena que se encontrou uma porção de tufo que

envolvia alguns machados e um vaso de barro; todas estas furnas bem demonstram que havia pouco escrúpulo, pela desordem em que se encontrava tudo.

Ao oeste destas furnas, a algumas centenas de metros, há um Casal denominado as Torres; o proprietário e dono disse-me que numa surriba para bacele encontrou algumas covas que se assemelhavam a grandes talhas e dentro encontrou alguns ossos e cinza e alguns sílex; segundo a descrição do homem, os buracos eram tulhas e os sílex que encontrou eram facas.

Em Azeitão também tenho notícia da existência de tulhas.

Ao oeste desta grande povoação, próximo a Coina-a-Velha, numa propriedade do Sr. Duque de Palmela, numa pequena cordilheira, está uma fortaleza, que tanto a construção como a planta, que se assemelha a um ferro de engomar, como mostro, bem deixa ver que é muito remota, pela extremidade. Esta, que é a parte larga, está defendida pela grande ribeira que ali passa, e na extremidade oeste, parte estreita, tem um pequeno fosso, espécie de senja, sem mais esplanada; neste mesmo lado vê-se na pequena muralha umas pedras salientes, que demonstram servir de degraus; a fig. 1 é uma casa subterrânea, que pode ser um templo; a entrada é pelo lado norte, em frente da entrada principal da fortaleza; qualquer destas entradas não excede um metro; o tecto desta dita

casa tem uma abóbada destruída, e se bem me recordo é de pedras não aparelhadas, as paredes são de mosaico, como mostro pelo exemplar que trouxe para a Comissão; numa das extremidades da parte larga há umas ruínas, que parecem alojamento (fig. 2); no centro também há umas pequenas construções, ou em ruínas ou subterrâneas (fig. 3); a pique, a muralha é em parte de pedras soltas.

Na escarpa norte próxima, por cima do caminho que conduz para o alto, há algumas tulhas; não foram exploradas (\*).

A 800 m a oeste do Zambujal (Bucelas), há um dólmen de pedras de basalto; estão no chão; ignoro se foi explorado.

Entre Runa e Torres Vedras, no túnel do meio, quero dizer, a montante de este, há uma pequena furna; encontrei próximo da porta loiças antigas em fragmentos e uma pequena faca de sílex; próximo a este do mesmo túnel há outra furna, que dizem ser grande; não pude examinar por causa do tempo.

Em S. João das Lampas consta-me que existem ali algumas furnas como as de Cascais.

Descrição das furnas do Poço Velho, em Cascais; são assim donominadas por existir um poço junto à boca das ditas furnas; é daqui que esta

(\*) Estampa III.

grande vila se fornece de água; tem grande abundância, devido à grande massa de calcários cavernosos que lhe estão contíguos.

As furnas têm duas entradas principais; estas entradas são do lado N; a rocha, quase cortada verticalmente, tem três galerias também principais com muitas pequenas para os lados, que formam estreitos corredores; foram todas bem exploradas, à excepção de um buraco na galeria que corre para oeste; este buraco é quase no centro; tem de fundo uns 2 m; estava ao tempo cheio de água; tiraram-se dali alguns crânios e ossos. Estas furnas tinham as entradas livres até certo ponto; a maior parte dos objectos foram encontrados no interior e até em pequenas concavidades; tanto loiças como ossos estavam em desordem e a pouca profundidade, mesmo onde a galeria tinha maior altura de terra; a galeria norte é muito enxuta e só à entrada é que apareceu alguma coisa.

A planta destas furnas foi tirada pelo Ex.<sup>mo</sup> Sr. Luís Couceiro, que conseguiu, com bastante custo, traçar todas as concavidades e estreitos ramais de galerias.

Em Maio de 1889 fui explorar as furnas das Alcobertas; esta furna é das maiores que se têm descoberto em Portugal; deve ter 150 m de comprido;

a sua maior largura é aproximadamente no centro e deve ter uns 5 a 6 m; foi neste largo que se fez a exploração; abriu-se um poço de 3 a 4 m em marnes vermelhos; como havia pouco espaço para arrumação do que se tirava e o despejo para fora era difficilimo, mandou o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Carlos Ribeiro parar com o trabalho; antes desta ordem encontrou-se a 10 m a contar da boca alguns ossos de animais metidos em estalagmites e foi tudo quanto se encontrou em toda esta furna.

Ao norte desta furna, a 1000 m pouco mais ou menos, encontrei uma pequena furna que no fundo achei alguns ossos humanos e facas de sílex.

A Serra das Alcobertas pode chamar-se a serra das furnas; descobri bastantes, que exploradas dariam bastantes objectos.

Na grande furna, 700 m a este de Turquel, não se encontrou coisa alguma porque já tinha sido explorada.

A gruta do Carvalhal foi descoberta por minha iniciativa.

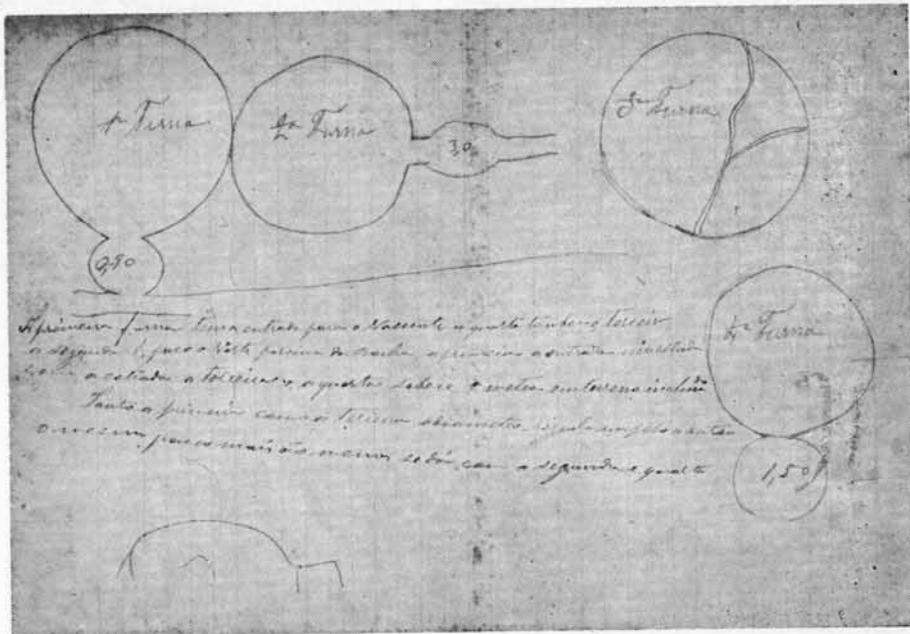
*António Mendes*

Colector da Comissão Geológica

## BIBLIOGRAFIA

- AZEVEDO, PEDRO A. DE (1903) — Extractos archeologicos das «Memorias parochias de 1755». 509—Turquel (Estremadura). *O Archeologo Português*, vol. VIII. Lisboa.
- BELO, RICARDO, TRINDADE, LEONEL e FERREIRA, O. DA VEIGA (1961) — Gruta da Cova da Moura (Torres Vedras). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, t. XLV. Lisboa.
- CARTAILHAC, M. ÉMILE (1886) — Les Âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal. Paris.
- COSTA, A. J. MARQUES DA (1907) — Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal. Grutas sepulcraes da Quinta do Anjo. *O Archeologo Português*, vol. XII. Lisboa.
- CRUZ, P. BELCHIOR DA (1906) — As Grutas de Palmella. *Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha*. Figueira da Foz.
- FRANÇA, J. CAMARATE (1950) — A vazilha zoomórfica da Gruta do Carvalhal (Turquel). *Mensário Administrativo*, n.ºs 39-40, Novembro-Dezembro. Luanda.
- LEISNER, VERA, ZBYSZEWSKI, GEORGES e FERREIRA, O. DA VEIGA (1961) — Les Grottes Artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la Culture du Vase Campaniforme. *Memória N.º 8* (Nova série) dos Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa.
- NATIVIDADE, M. VIEIRA (1889-1903) — Grutas de Alcobaça. Materiaes para o estudo do Homem. *Portugalia*, vol. I. Porto.
- PAÇO, AFONSO DO (1941) — As Grutas do Poço Velho ou de Cascais. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, t. XXII. Lisboa.
- VASCONCELOS, J. LEITE DE (1895) — Notícias várias. 8. Grutas dos arredores de Cintra. *O Archeologo Português*, vol. I. Lisboa.
- VASCONCELLOS, J. LEITE DE (1905) — *Religiões da Lusitania*, vol. II. Lisboa.





I — Grutas artificiais de Palmela, segundo desenho de António Mendes

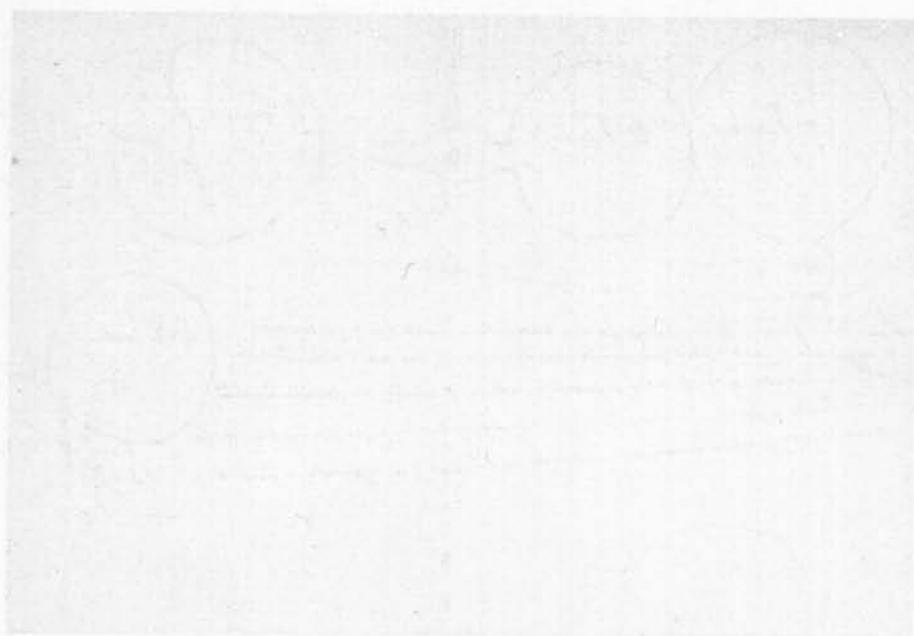
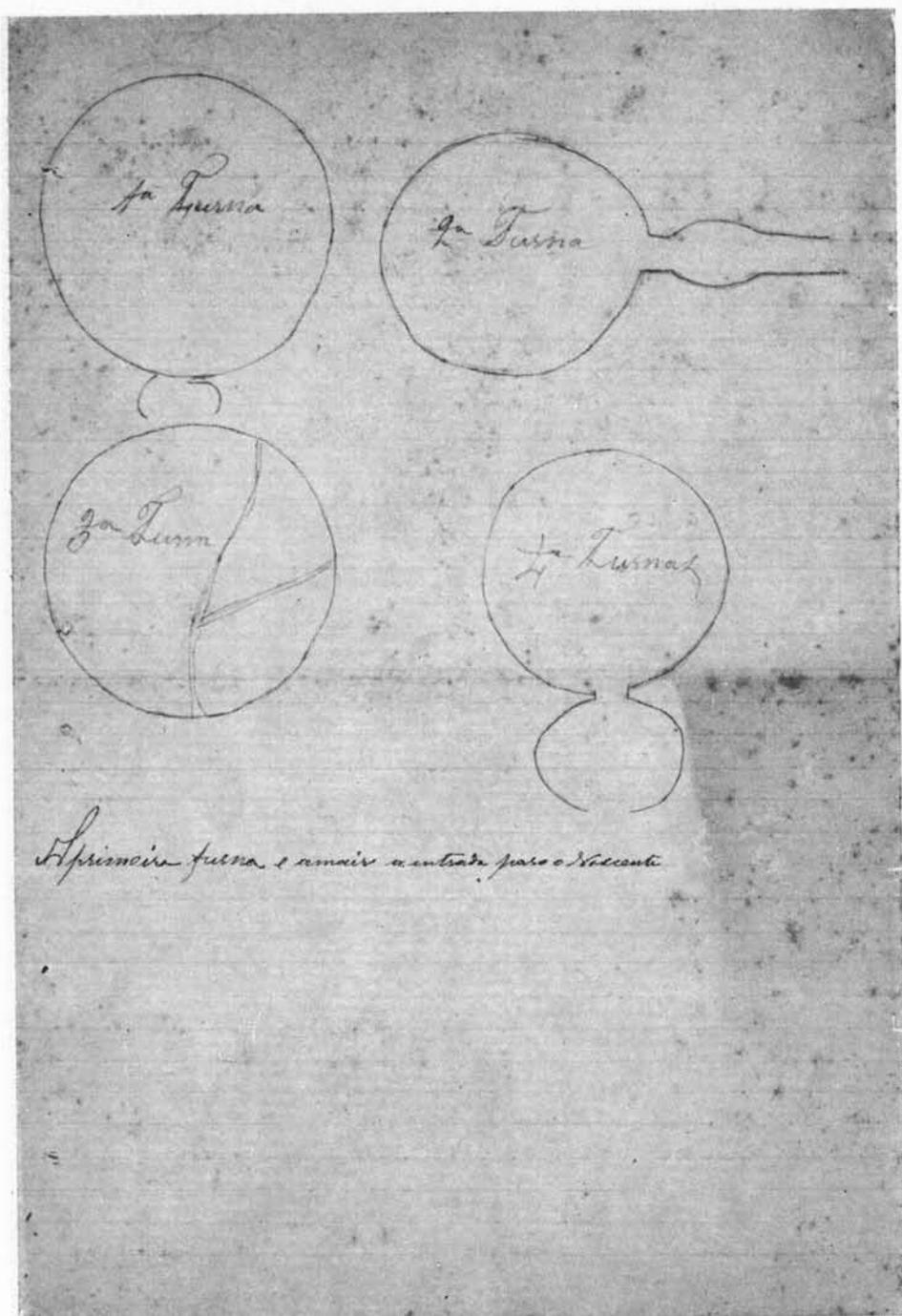


Fig. 1. Diagram illustrating the method of determining the relative positions of the various parts of the system.



II — Grutas artificiais de Palmela, segundo desenho de António Mendes

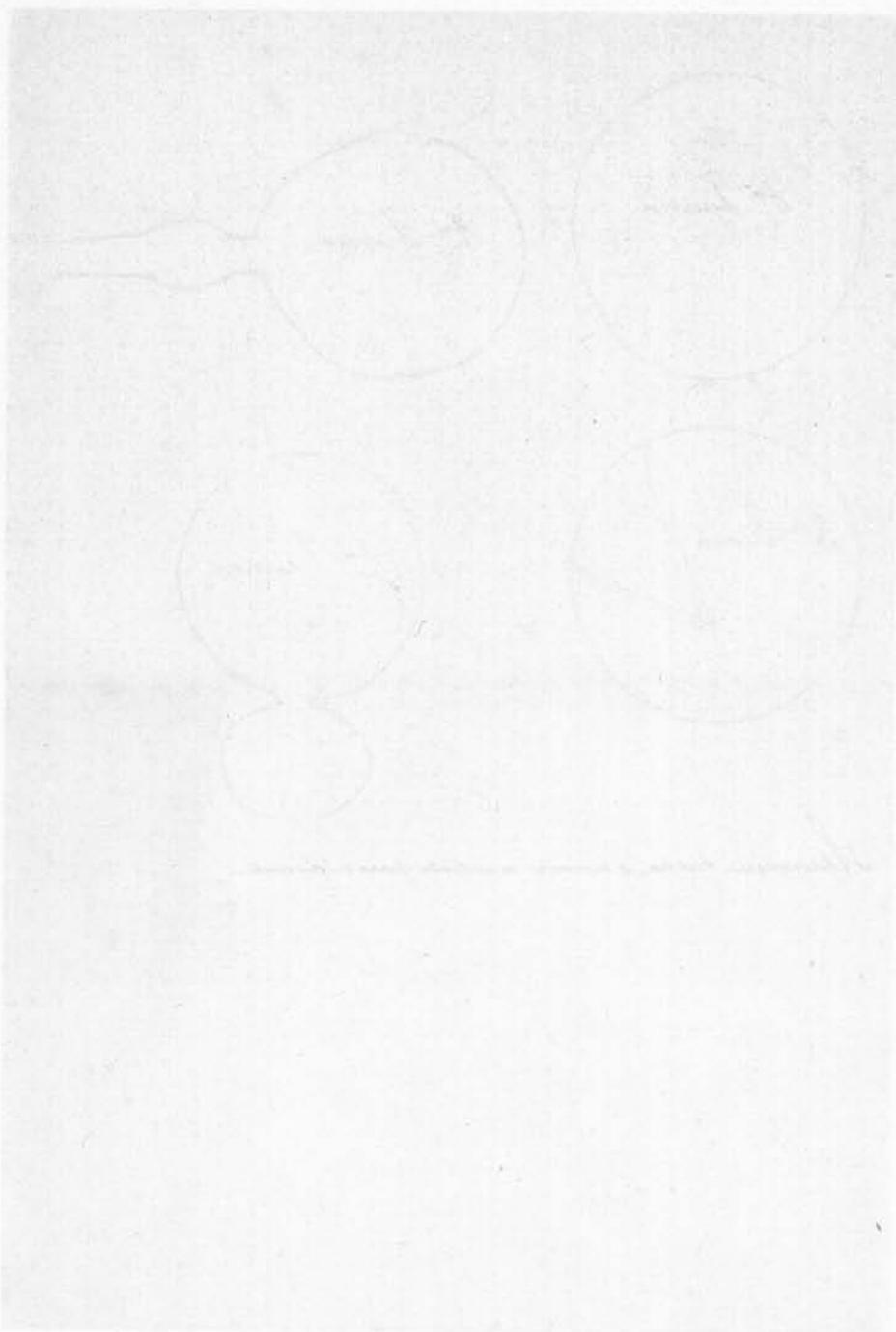
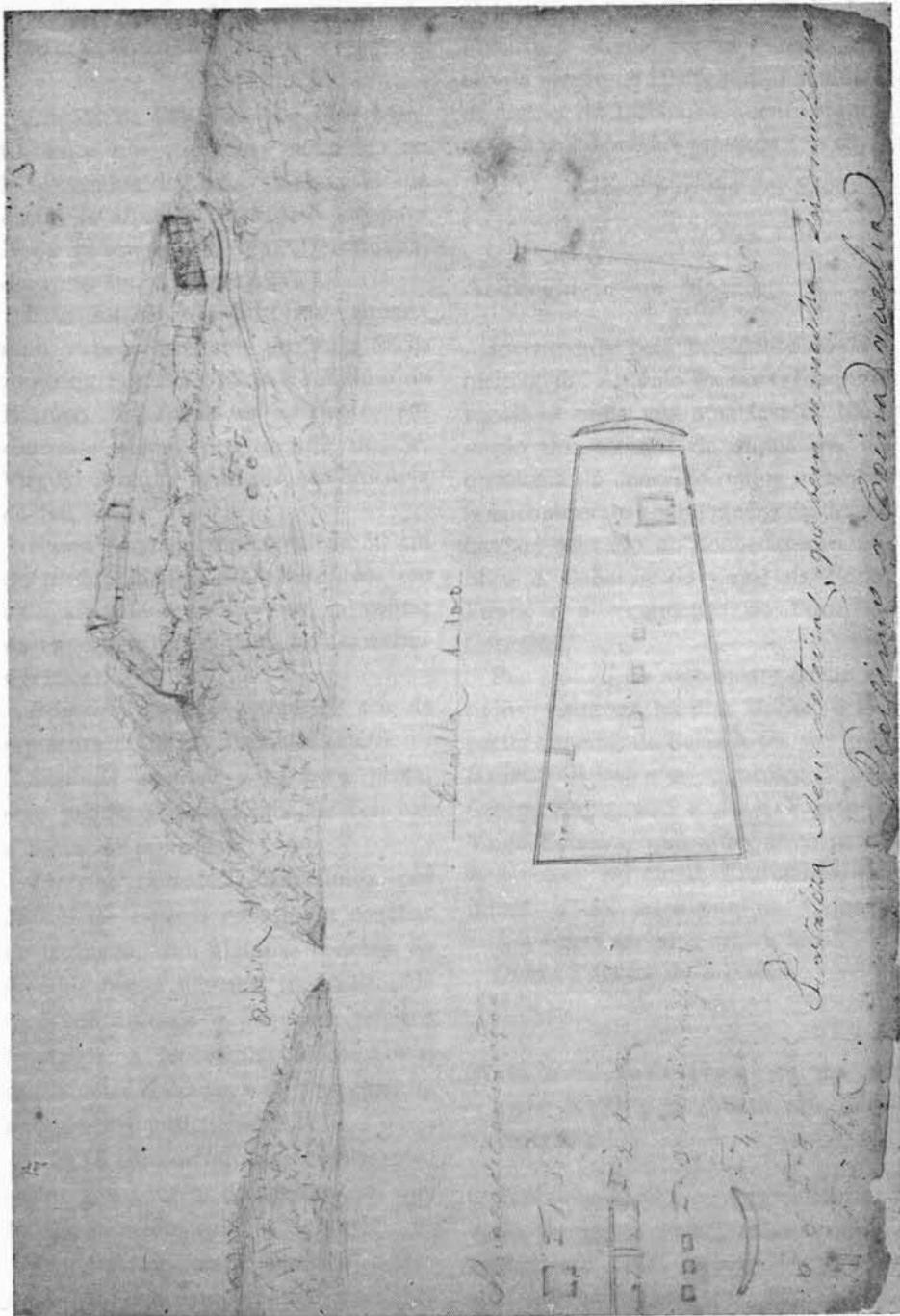


Fig. 1. Diagram illustrating the arrangement of cells in a tissue.



III — Povoado fortificado de Coia-a-Velha, segundo desenho de António Mendes

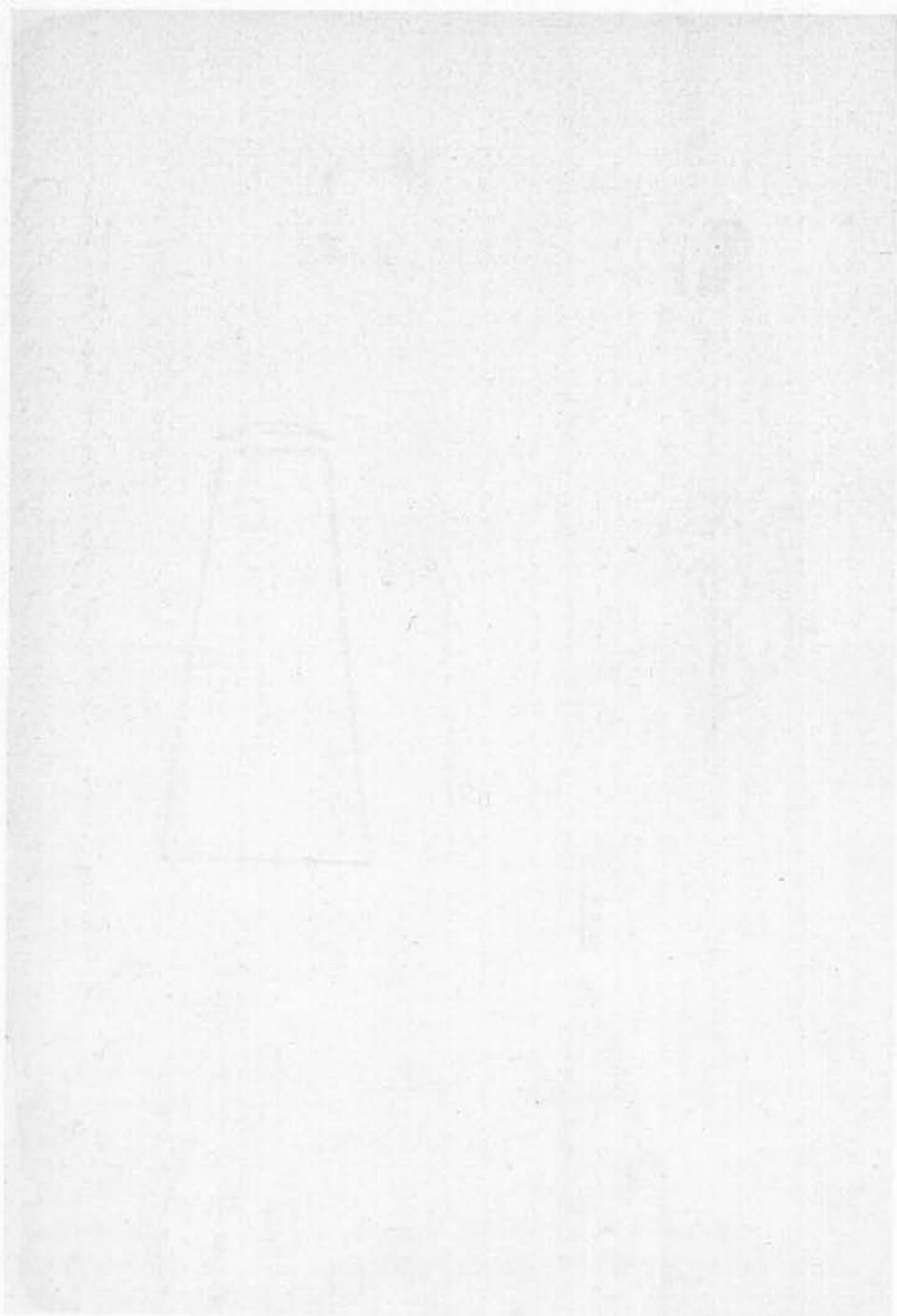


Fig. 1.—Photograph of the book cover of the *Journal of the Royal Society of Medicine*.

### Concheiro Mesolítico da Fonte da Mina, Grândola

Em 28 de Setembro de 1968 identificámos um concheiro mesolítico no local conhecido pela designação de *Fonte da Mina*, a cerca de 5 km para N da povoação de Água Derramada, do concelho de Grândola.

Esta estação pré-histórica, situada num cabeço fronteiro ao Vale Seco, junto da Fonte da Mina e próximo de Barraco das Poças de S. Bento, encontra-se numa propriedade do Sr. Virgílio Moura, residente em Alcácer do Sal.

Numa pequena sondagem de 50 cm de profundidade, que efectuámos em sítio assinalado, obtivemos, a contar da superfície, a seguinte leitura estratigráfica:

*Primeira camada* — com 20 cm de espessura de terra cinzenta e estéril.

*Segunda camada* — de terra preta, com pequenos fragmentos de conchas e 8 cm de espessura.

*Terceira camada* — Constituída por 22 cm de espesso estrato de conchas de berbigão, com algumas conchas de ameijoia fina à mistura, fragmentos de ossos de animais e pequenos núcleos facetados, a representar os negativos das lamelas retiradas e de tipo caracteristicamente tardenoisense.

Não se considerou conveniente prosseguir a sondagem de verificação, que foi devidamente coberta.

Participaram nesta pesquisa o Senhor João dos Santos Sobral, residente em Água Derramada e João José Boni-

fácio Serra, José Firmino, Maria José Fonseca e Miguel Serras Pereira, alunos da secção de História da Faculdade de Letras de Lisboa, a quem se agradece a colaboração prestada.

*Manuel Farinha dos Santos*

### Arqueologia em Mação

Incentivada pelo presidente do Município, dr. António Paisana Joaquim, regista-se nesta vila uma fase de renovação dos estudos da riquíssima arqueologia do concelho, cujos trabalhos se encontravam abandonados desde que haviam passado ao conhecimento público a alabarda do Casal da Barba Pouca e o esconderijo do Porto do Concelho.

Por motivo do reatamento desses estudos, visitaram há dias Mação, o inspector superior de Belas-Artes, dr. João Bairrão Oleiro, e os arqueólogos prof. George Zbyszewski e eng.º Octávio de Veiga Ferreira, que apreciaram as investigações em curso. Entretanto, por iniciativa do presidente da Câmara, está a organizar-se o museu local.

*Diário Popular* de 3-1-1968.

### Mais uma fortificação do século XVII descoberta em Massangano

Tem prosseguido, na área de Massangano, em que os portugueses se concentraram, em 1641, para melhor resistirem aos holandeses, as pesquisas arqueológicas que, com o decorrer do

tempo, vão sendo mais e mais coroadas de êxito.

Depois da divulgação, há dois anos, da existência de uma ignorada fortificação daquela época, em Massangano, encontrada por Fernando Batalha, em escavações executadas por conta dos serviços de Monumentos Nacionais, revela-se, agora, «o achado de outras importantes ruínas dentro da zona histórica daquela antiga povoação».

E Fernando Batalha escreve, no jornal «A Província de Angola»:

«Trata-se dos restos de uma outra fortificação seiscentista, que há tempos localizámos e que recentemente foram postos a descoberto. Havia anos que vínhamos procurando esta esquecida obra do período épico das lutas contra os usurpadores holandeses; mas o mato espesso e bravio, que cresceu durante três séculos de abandono e o desconhecimento e a rudeza da topografia local, sempre esconderam, durante as nossas intermitentes pesquisas arqueológicas, esses venerandos vestígios da gloriosa resistência dos portugueses aos aguerridos mercenários da Companhia Holandesa das Índias Ocidentais».

*Diário da Manhã* de 4-1-1968.

### **Faleceu o Arqueólogo Cordeiro de Sousa**

No dia 1 do corrente faleceu o ilustre erudito e académico, José Maria Cordeiro de Sousa, que, no dia 2, foi sepultado no cemitério dos Olivais.

Publicista, epigrafista e arqueólogo infatigável, nasceu em Lisboa em 15-11-1886. Filho do polígrafo Luciano Cordeiro, foi funcionário do Ministério

da Agricultura, cargo de que se aposentou, secretário do presidente do conselho e ministro da Justiça Veiga Beirão, secretário do ministro da Agricultura (1.º titular da pasta), do Conselho Geral da Agricultura do Commissariado Geral das Exposições de Sevilha (1929) e Colonial de Paris (1931), da Comissão da Feira de Amostras do Rio de Janeiro, vogal da Junta Nacional de Educação, do Congresso do Mundo Português, etc. Foi sócio correspondente da Academia da História de Madrid, efectivo da Academia Portuguesa de História, do Instituto de Coimbra, Sociedade Martins Sarmiento, Ins. Hist. do Minho, etc. Por incumbência da Academia Nacional de Belas-Artes, realizou aturadas investigações nos Arquivos de Lisboa. Foi director da excelente «Revista de Arqueologia», em cujas páginas escreveu artigos de muito valor e interesse. Também realizou comunicações notáveis à Associação dos Arqueólogos Portugueses, de que fez parte. Em quase todas as revistas de arte, arqueologia e estudos históricos de Portugal e nalgumas estrangeiras colaborou com artigos interessantíssimos e manteve uma acção de divulgação no *Diário de Notícias* com grande brilho. Era comendador do Mérito Industrial, possuindo a Cruz Vermelha do Mérito e o grau de cavaleiro da Legião de Honra de França. Publicou: *Catálogo de parte da livraria do Cons.º Luciano Cordeiro*; *A sigla de Lourenço Afonso*; *Inscrições Portuguesas do Museu do Carmo* (1.ª e 2.ª edições); *Algumas siglas e abreviaturas usadas nas inscrições portuguesas*; *Uma lápida*

quinhentista dos arredores de Lisboa; *Inscrições sepulcrais da Sé de Lisboa* (1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> edições); *Marcas de canteiro; Apontamentos de epigrafia portuguesa* (1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> edições); *Uma campa de azulejos; Registos da freg.<sup>a</sup> da S.<sup>a</sup> da Encarnação, etc.; Notas e índices; Bibliografia das inscrições portuguesas dos Fóios na Igreja da Ameixoeira; O cemitério da Ordem de Santiago no adro da Sé; As sepulturas dos Perestrelas em S. Pedro de Torres Vedras; A inscrição da pedra de Dighton; As sepulturas dos marqueses de Montemor em Santa Paula de Sevilha; As sepulturas de Santa Luzia; Índices das «Inscrições lapidares da Índia Portuguesa» de Cunha Rivara; Luciano Cordeiro; As campas de S. Vicente; Epigrafia Torriana; As inscrições do Castelo de Palmela; As sepulturas dos Brandões, em S. Francisco do Porto; Notícias do Passado; A Sigla do Mestre Gomes Martins nas ruínas do Carmo; As campas do claustro de S. Vicente; O Infante D. Henrique nos primeiros descobrimentos marítimos, segundo uma inscrição de Tomar; Índices das «Memórias» de Wolkmar Machado; O panteon dos Condes de Linhares em S. Bento de Xabregas; A inscrição da Bica do Andaluz; Notícia de um combatente da Praça de Lisboa; Novos documentos inéditos referentes a Don Pedro de Portugal; Referências às Canárias do túmulo de João de Albuquerque; As campas das fundadoras do Mosteiro de Jesus de Aveiro; Inscrição tumular do Bispo D. Fernando de Miranda; A colecção epigráfica Portuguesa do Museu da Sociedade de Geo-*

grafia de Lisboa; *Algumas siglas e abreviaturas usadas nas inscrições portuguesas desde o fim do séc. XII até ao princípio do Séc. XIX; Contribuição para uma ementa dos jacentes portugueses; A data da deposição do cadáver de Lopo Fernandes Pacheco no túmulo da Sé; A Morte do Infante D. Fernando Sanches contada no seu túmulo; Contenda entre Afonso Sanches e Conde D. Martin Gil; A sepultura de Martin Bravo em S. Pedro de Torres Vedras; O tecto mudejar da Igreja de Dois Portos; As estelas discoides do Museu de Torres-Vedras; A Igreja de Santo Quintino; A reverência do Príncipe Esseling Duque de Rivoli e Marechal de França às Linhas de Torres; Carolina Corenade «Cartas»; Colectânea Olibonense (3 vols.); etc.*

Novidades de 7-1-1968.

### Visita de estudo arqueológico a Angeiras, Matosinhos

Em visita de estudo, estiveram na freguesia de Lavra os srs. D. Domingos de Pinho Brandão, bispo auxiliar de Leiria, antigo professor de arqueologia da Faculdade de Letras do Porto, e o arquitecto Fernando Lanhas, da Junta Distrital do Porto. Visitaram os locais de interesse arqueológico da freguesia. Demoraram-se na praia de Angeiras, a examinarem os «tanques» abertos nos rochedos da praia. Aqui foram acompanhados pelo patrão do salva-vidas sr. Ezequiel da Silva Seabra. Tomaram conhecimento que esses tanques ainda existentes, e outros porventura desapa-

recidos, remotam ao período da romanização e se destinavam à salga do peixe.

*O Comércio do Porto* de 8-1-1968.

### **Os Cromlechs dos Almendres e da Portela de Mogos**

Realizou-se, na Faculdade de Ciências do Porto, mais uma sessão científica da Sociedade Portuguesa de Antropologia, e Etnologia, sob a presidência do sr. prof. arq. Rogério de Azevedo, secretariado pelo sr. dr. Agostinho Isidoro.

O presidente, depois de ler o plano da comemoração do cinquentenário da Sociedade, a realizar este ano, deu a palavra ao sr. dr. Henrique de Leonor Pina, para proferir a sua anunciada conferência sobre «Os cromlechs dos Almendres e da Portela de Mogos do concelho de Évora».

O conferente, de início, aludiu aos «menhirs», conhecidos em Portugal, o de Luzim e o da herdade da Barrada, em Reguengos de Monsarás, e a seguir projectou lindas fotografias a cores dos «menhirs» das herdades dos Almendres e do Sousa.

Quanto aos cromlechs fez a sua definição e referiu-se largamente aos dos Almendres e da Portela de Mogos os primeiros registados em Portugal.

O dos Almendres é um belíssimo monumento, com um aspecto de imponência, constituído por cerca de 90 monólitos, cujo perímetro é uma grande oval de 60 por 30 metros. Nele foram já feitas pelo conferente algumas sonda-

gens e encontradas, além de «covichas rituais», gravuras num dos monólitos.

O da Portela de Mogos é constituído por cerca de 35 monólitos de tamanhos variáveis entre 1,5 e 4 metros, e infelizmente bastante destruído.

*O Comércio do Porto* de 13-1-1968.

### **Lápida hebraica encontrada em Gouveia**

A lápida com caracteres hebraicos encontrada no dia 30 de Novembro findo, em Gouveia, pelos pedreiros que procediam à demolição de um conjunto de velhas casas na Rua Nova — classificação toponímica que recorda a presença de comunidade judaica formada por «cristãos novos» —, vem ao encontro da referência feita por Alexandre Herculano no seu livro «História da Inquisição em Portugal» de que nos princípios do século XVI existia uma grande comunidade hebraica em Gouveia.

Um especialista de Lisboa em assuntos hebraicos, ao tomar conhecimento da referida inscrição, esclareceu que ela devia ter estado colocada sobre o portal de uma sinagoga.

Foi descoberta na antiga judiaria local, e para estudar o seu conteúdo deslocaram-se a Gouveia especialistas de árabe e de hebraico.

A leitura da inscrição da lápide foi feita pelo rev. dr. Manuel Augusto Rodrigues, professor de Hebraico no Seminário Maior de Coimbra e encarregado da cadeira de Árabe na Faculdade de Letras daquela cidade, tendo che-

gado à seguinte conclusão: linha 1 — *A glória desta Casa será maior do que a da primeira*; linha 2 — *diz o Senhor dos exércitos: (acabada) a Casa da nossa santificação e da nossa glória*; linha 3 — *(no ano) e os resgatados do Senhor regressarão e voltarão para Sião em alegria (257)*.

Segundo a interpretação dada pelo rev. dr. Manuel Augusto Rodrigues, o conteúdo da inscrição relaciona-se com três passagens bíblicas dos Livros de Ageu e de Isaías. O autor, que, certamente, queria celebrar a inauguração da sinagoga local com a inscrição, atribuía àquela as palavras dos profetas, onde se fala da Casa de Deus (o Templo), com um pensamento para Sião.

Convém lembrar que o tempo histórico a que se transporta a inscrição coincide com a expulsão dos judeus de Portugal, decretada por D. Manuel I.

A falta da conclusão dos trabalhos de construção da sinagoga encontra-se no próprio texto da inscrição. Pela sua leitura se verifica que nela há três palavras a intercalar as passagens bíblicas, mencionadas entre parêntesis, e que nos fornecem aquela data; *acabada — no ano — 257*.

Por outro lado, a última palavra que se traduz *em alegria* tem determinado valor numérico, pois as suas consoantes estão sobrepostas por quatro tracinhos. Feita a soma do seu valor numérico obtém-se a data 257, ou seja, 5257, pois, segundo o costume judaico, o algarismo dos milhares não se indica habitualmente. Ora, o ano de 5257 do calendário hebraico corresponde ao ano

de 1496 da era cristã. Como o ano judaico começa em Setembro, também poderia ser 1497.

É curioso notar que um rabino de Lisboa deu ao texto em referência uma interpretação diferente, salientando que a lápida devia assinalar a inauguração da sinagoga, destruída pelo tempo, por cataclismo ou pelos homens.

A lápide encontrada no enquadramento de um armário, tinha à ilharga outras pedras que foram identificadas como quinhentistas; e uma tinha gravada a estrela de Israel.

O achado, de muito interesse para a história local, veio enriquecer os documentos já existentes no Pátio do Museu, onde se encontram numerosos testemunhos arrancados a escavações arqueológicas, dirigidas pelo sr. dr. Tavares Ferreira, presidente do Município de Gouveia.

*Diário de Notícias* de 24-1-1968.

### **Imagem indo-portuguesa achada nos Açores**

Uma imagem da Virgem, que se supõe ter mais de duzentos anos, esculpida em marfim e obra de artista indo-português, foi descoberta por um coleccionador de arte de Angra numa das freguesias do norte da Terceira e faz, agora, parte da sua colecção particular de arte, informa o «Diário Insular», de Angra do Heroísmo.

A imagem, agora pertence a Francisco Ernesto Oliveira Martins, residente em Angra do Heroísmo, tem

como manto um «sari» e o penteado é de pura inspiração oriental.

*A Voz* de 15-2-1968

### **Monumento megalítico achado em Reguengos de Monsarás**

Na Herdade da Farizoa, a poucos quilómetros de Reguengos de Monsarás, o arqueólogo sr. dr. José Pires Gonçalves descobriu e acabou de identificar um monumento megalítico de tipo raro em Portugal.

Trata-se dum dólmen circundado por uma linha de monólitos de granito com cerca de 17 metros de diâmetro e contorno regularmente circular. Este dólmen lembra, na sua tipologia, o túmulo de Canster, na Escócia.

Segundo o seu descobridor, pode admitir-se que este vasto círculo megalítico em torno de ruínas do dólmen, com blocos de pedras que alcançam por vezes 2 metros de comprimento, tivesse sido construído com a função de suportar a enorme mamoa de terra que cobria a estrutura granítica da anta.

O talhe dos blocos que o constituem parece não consentir que eles sejam interpretados como uma linha cerrada de menires e que, portanto, não se trate dum «cromlech» como inicialmente se supôs.

A convite do sr. dr. Pires Gonçalves, esteve no local o sr. prof. dr. D. Fernando de Almeida, catedrático de Arqueologia na Faculdade de Letras de Lisboa e director do Museu Arqueológico.

O referido monumento será sujeito aos indispensáveis trabalhos de escavação, para completo esclarecimento do importante achado.

*Jornal de Notícias* de 20-2-1968.

### **Curso de introdução à arqueologia**

A Câmara Municipal de Braga tomou a louvável iniciativa de, através do seu pelouro da Cultura, promover um curso de introdução à Arqueologia, onde, pessoas interessadas e finalistas do ensino liceal — estes em maior número e com particular vantagem, sabido que a arqueologia é grande auxiliar da história — adquirissem um mínimo de conhecimentos que lhes facultasse a possibilidade de dar colaboração aos vários trabalhos em curso.

A primeira série de lições que se realizou no ano findo, no Conservatório Regional de Música, a cargo do distinto arqueólogo sr. dr. João Rigaud de Sousa, obteve o melhor êxito, pois, foram bastantes os instruendos que participaram nas escavações da Falperra e do Largo de S. Paulo, revelando excelente aproveitamento.

No ano corrente e com vista às campanhas projectadas, está a decorrer um segundo curso, desta vez, numa das modernas salas da Faculdade de Filosofia, que igualmente se prontificou a colaborar.

Sobre este assunto, o ilustre vereador sr. dr. Egídio Guimarães, grande animador desta e doutras actividades cul-

turais, apresentou na última sessão camarária a seguinte moção:

«Sob o patrocínio desta Câmara e por iniciativa do seu Pelouro da Cultura e em colaboração com a Faculdade Pontifícia de Filosofia e com o Conservatório Regional de Braga, recomeçou, no último sábado, uma segunda série de lições do Curso de Introdução ao Estudo da Arqueologia ministrado pelo sr. Prof. José João Rigaud de Sousa, bolseiro da Fundação Gulbenkian, o qual, com espírito altamente científico e inteiramente devotado à investigação arqueológica, se tem prestado a dar estas lições gratuitamente apenas com o fim de despertar vocações para os estudos verdadeiramente apaixonantes desta ciência entre os estudantes dos últimos anos dos liceus e dos cursos superiores.

«As aulas são dadas numa das salas da Faculdade de Filosofia e nelas estão inscritos cerca de quarenta alunos tanto dos liceus como da própria Faculdade. Todos eles terão ocasião de aplicar os conhecimentos adquiridos, no decorrer deste curso, nos campos de trabalho a realizar na zona da Cidade, durante a próxima Páscoa, e no alto da Falperra, no próximo mês de Agosto, em continuação dos trabalhos ali já executados nos últimos anos».

*A Voz* de 21-2-1968

### **Achado histórico — evocador de Colombo**

O desprendimento de algumas tábuas do tecto de um edifício na rua do Esmeraldo, no Funchal, veio trazer, por

puro acaso, à luz do dia, um tesouro de incalculável valor histórico. «É um tesouro estranho, de natureza artístico-histórica, evocador da vida de Cristóvão Colombo e de João Esmeraldo, personagens que ilustram a história das Ilhas Infantinas», escreveu depois de observar o achado, o ilustre historiador local Padre Eduardo Pereira.

Consta o achado de uma tábua central, octogonal, em cujo centro avulta o brasão do navegador genovês e de outras oito que da primeira desciam obliquamente, na sua maioria ainda em bom estado de conservação se bem que acusando os estragos do tempo e da infiltração das chuvas.

Dos motivos estilizados e das figuras de todo o conjunto conclui-se uma autêntica glorificação de Cristóvão Colombo, com alusões à sua naturalidade primitivamente romana, à protecção de Castela e Leão, aos indígenas nus encontrados nas Antilhas; por cujo respeito — lembra aquele historiador — impôs-se Colombo severamente às suas campanhas, para simpatias dos índios, e ainda símbolos das naus, instrumentos bélicos como bombardas fumegantes, pendões e galhardetes, não esquecendo a lira simbólica dos poemas épicos e a deusa Ceres com a promessa económica para Castela e Leão.

Embora uma tradição de longas raízes ligue o navegador de Génova ao mercador flamengo João Esmeraldo (aliás Juan Esmenaut), que residiu no prédio onde o tesouro foi encontrado, pouco se sabe sobre essa ligação e muitos enigmas ficam por desvendar,

quanto à origem das tábuas, que agora se oferecem à curiosidade dos peritos.

Uma coisa parece ser certa: As tábuas formavam um primeiro tecto, posteriormente escondido por um segundo, porque o teor das suas duas figuras não observava o respeito devido a uma capela, em que veio a ser transformado o aposento onde se verificou o providencial desprendimento.

*Diário Insular de 22-2-1968*

### **Citânia de Santa Luzia**

A citânia de Santa Luzia pode considerar-se um dos castros de maior interesse arqueológico não só do nosso país mas da própria civilização do Noroeste da Península. Tendo merecido a melhor atenção e estudo, a partir do último quartel do século passado, as figuras de sólida erudição como Possidónio da Silva, Figueiredo da Guerra, Leite de Vasconcelos e outros, foi, entretanto, aí por 1935, que o saudoso vianense Tomás Simões ali realizou importantes trabalhos de desobstrução e limpeza, constituindo por esse tempo, no dizer de Leite de Vasconcelos, «lição permanente de história antiga e, simultaneamente, óptimo atractivo para quem ali fosse».

Decorridos 32 anos, nada mais foi realizado em favor daquelas pedras veneráveis, motivo de atracção turística e elemento de cultura indiscutivelmente preciosos. O seu aspecto, a cair de ano para ano, não é, em nossos dias, mais do que chavascal onde medram arbustos espinhosos e ervas daninhas e se acoita bicharada de toda a ordem.

Em resultado de uma diligência empreendida, há tempo, pelo delegado, em Viana, da Junta de Educação, sr. Leandro Quintas Neves, junto de um distinto deputado pelo círculo vianense, o assunto está neste momento afecto ao Subsecretário das Obras Públicas, esperando-se que este departamento do Governo, através da Direcção dos Edifícios e Monumentos Nacionais, subtraia a citânia de Santa Luzia ao aspecto de incúria e abandono a que lamentavelmente chegou.

Oxalá a previsão não falhe, para bem de Viana e reconquista de um dos melhores valores arqueológicos do Alto Minho e de Portugal.

*O Primeiro de Janeiro de 25-2-1968*

### **Descoberta uma ara romana**

Próximo da capela do Monte do Castro, quando se procedia a trabalhos de terraplenagem, foi descoberta uma ara romana, encontrando-se ainda vestígios de uma povoação castreja. Numa sumária sondagem foram ainda encontrados fragmentos de cerâmica, possivelmente da era romana.

A Junta de Freguesia, que se encarregou das escavações, depositou o espólio na Faculdade de Filosofia de Braga.

*O Século de 21-7-1968*

### **Túmulo romano achado em Braga**

Apareceu um túmulo romano na abertura dos fundamentos de um anexo de um prédio em construção na Ave-

nida Marechal Gomes da Costa, junto do Largo do Rechicho, quase em frente à estação dos C. T. T. A pouca distância deste achado fica o famoso monumento que é a «Fonte do Ídolo».

*Jornal de Notícias* de 15-3-1968

### **Pedra esculpida encontrada em Numão**

Em sessão da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, sob a presidência do sr. professor dr. Santos Júnior, secretariado pelo sr. dr. Agostinho Isidoro, o sr. dr. Pinto Ferreira apresentou a sua comunicação sobre uma *Pedra Singular da estação arqueológica de Numão*, concelho de Foz Côa, distrito da Guarda.

Na Fonte do Capelinho, localizada no sopé do vetusto castelo de Numão, apareceu uma pedra singular (1,42 m  $\times$  0,45  $\times$  0,28) que tem rudemente esculpidas três figuras humanas, duas numa face e outra na outra face.

Segundo lendas mitológicas poderiam representar divindades romanas, nínfas, protectoras das fontes. Segundo uma tradição local representariam três mou-ras encantadas que um peregrino a Roma, com três pães que de lá trouxe intentaria quebrar-lhes o encanto.

Uma inscrição em caracteres arcaicos na parede da fonte atribuiria às águas das mesmas especiais virtudes.

Aventou que aquelas figuras humanas esculpidas na pedra podiam muito bem ter sido feitas quando foi edificada

a fonte (época romana) mas, o mais provável, é serem da época lusitana.

*Primeiro de Janeiro* de 15-3-1968

### **Uma gruta em Colaride (Aigualva-Cacém)**

Em Colaride, perto de Aigualva-Cacém, nos terrenos do Prazo Foreiro, apareceu recentemente uma gruta. Três estudantes, João José Campos de Almeida, João Maria das Neves Leitão e Alexandre Morgado, resolveram efectuar ali uma prospecção. Munidos de material apropriado iniciaram a visita, tendo oportunidade de observar a existência de uma antiga ribeira formada pela infiltração de águas pluviais e de uma nascente.

A gruta deve ter sido também utilizada como necrópole, uma vez que nela foram encontradas sepulturas contendo algumas ossadas, acompanhadas de alguns objectos. O local apresenta uma galeria principal com cerca de 90 cm de altura e 20 metros de comprimento. Esta galeria termina por uma bifurcação constituída por outras galerias mais pequenas. A do lado direito é formada por uma sala desigual, com altura de 3 metros, apresentando uma chaminé cónica. Desta galeria segue, depois, um corredor com 80 cm de altura e 2 metros de largura. A profundidade neste local atinge 12 metros. Há ainda uma terceira sala com dimensões menores, cheia de água.

A cinquenta metros da saída da gruta encontra-se um grande bloco de pedra com seis metros de comprimento por

dois de largura, apresentando sulcos originais pelo constante bater da água.

A gruta de Colaride merece uma visita dos entendidos para estudo e descrição mais perfeita.

*Diário de Notícias* de 20-3-1968

### **Lápida com inscrição romana achada próximo de Ourique**

O sr. José Gonçalves, de 27 anos, residente em Loulé, quando lavrava com um tractor, em Reguengos de Matos, próximo de Ourique, encontrou uma laje com cerca de 1,45 m de comprimento e a seguinte inscrição: «Cattilivs Statvlivs Hise». Numa área de cinco metros quadrados existem mais pedras, mas sem inscrições. Parece tratar-se de ruínas romanas.

*Diário de Notícias* de 19-3-1968

### **Novo achado arqueológico na Avenida Gomes Costa (Porto)**

Já há mais dum ano demos notícia de que nas obras de demolição e escavação em curso na Avenida Marechal Gomes da Costa, defronte do edifício dos C. T. T. tinham sido encontrados dois túmulos romanos, um seriamente danificado, e outro muito bem conservado e dentro do qual se encontrava uma ânfora. O cônego sr. dr. Arlindo Ribeiro da Cunha, individualidade altamente abalizada no assunto, emitiu a opinião de que a ânfora deveria ter contido essências, pois era costume co-

locarem disso nos túmulos, naquele tempo, e que no local devia também naquele tempo existir um caminho, pois era à margem dos caminhos que os romanos faziam as sepulturas. Pois agora, no mesmo ponto, a curta distância dos anteriores, acaba de ser encontrado mais um túmulo, nem tão danificado nem tão perfeito como os dois achados anteriormente, o que confirma a declaração do sr. cônego Arlindo Ribeiro da Cunha sobre a escolha do local para sepulturas.

*O Comércio do Porto* de 24-3-1968

### **Marco miliário romano da Mealhada**

Por despacho do subsecretário de Estado da Administração Escolar foi mandado inventariar um marco miliário romano existente no edifício da Câmara Municipal da Mealhada.

Aquele marco, que é constituído por uma coluna de calcário regional, branco, com 1,79 m de altura e 1,39 de perímetro, tem gravadas letras com alturas compreendidas entre os 54 e 58 mm que rezam:

Sar.divi — Ron.avg — Max. trib —  
Cos. desi — P p — XII.

Devido ao aplicável no disposto em decreto de 1932 e 1952, a peça não poderá ser alienada ou enviada para fora do País, nem pode ser objecto de quaisquer trabalhos de conservação, reparação ou modificação sem a necessária autorização do Ministério da Educação.

*Primeiro de Janeiro* de 2-4-1968

### Inscrições latinas descobertas em Trás-os-Montes

No Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, na sessão de 7 de Março realizada no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, dr. Leite de Vasconcelos, o arqueólogo, sr. padre António Mourinho apresentou uma comunicação subordinada ao tema «Lápidas Epigráficas Lusitano-Romanas da Terra Miranda».

O autor começou por apresentar a riqueza de monumentos epigráficos romanos daquela região do Douro internacional, já apontada por vários arqueólogos. De entre as 30 lápidas funerárias e votivas, inéditas, descobertas pelo sr. padre António Mourinho, descreveu e interpretou, em primeira leitura de estudo, 14 das mais representativas e de interesse histórico. Salientou uma ara votiva solene, dedicada a Júpiter, encontrada na acrópole desconhecida, até ao presente, de um grande castro, dentro da própria povoação de Saldanha de Mogadouro, na qual se faz referência a um legionário veterano da famosa Legião VII Romana, que esteve acampada em Leão e de que provém o nome desta cidade espanhola. Deu notícia, também, de uma ara votiva aparecida no pavimento da igreja românica de Atenor, do concelho de Miranda, dedicada à deusa egípcia Isis, e de outra ara funerária dedicada à memória de um duunviro falecido na povoação de Picote, talvez datada do século II.

A revelação de tão importante descoberta reveste-se de grande interesse científico, particularmente para o conhecimento do culto de Isis, naquela região trasmontana, e para o conhecimento histórico do itinerário seguido pela Legião VII Romana.

*Diário de Notícias* de 3-4-1968

### Escavações na gruta do Bugio (Sesimbra)

Com a última campanha, concluída em Outubro de 1967, terminaram as escavações arqueológicas que estavam a decorrer na «Estação Isabel» (necrópole eneolítica da serra da Azóia, com cerca de 4000 anos), descoberta em Outubro de 1957.

Esta campanha, como a do ano anterior, foi realizada com o auxílio financeiro da Fundação Gulbenkian, e orientada pelo arqueólogo dr. Veiga Ferreira. Nela colaboraram o dr. George Zbyzewski, e Rafael Monteiro.

Recolhido todo o espólio, procede-se agora ao seu estudo, o qual será objecto de uma monografia a publicar no próximo ano.

A «Estação Isabel» jazida dos povos da cultura almeriense, revelou-se uma das mais ricas necrópoles da época até agora escavadas no nosso país. A abundância, a raridade dos materiais recolhidos (onde há exemplares únicos) vem oferecer notável contribuição para o estudo da etnografia dos povos do início da idade dos metais.

As numerosas ossadas (em parte já estudadas pelo antropólogo dr. Agostinho Isidoro, da Universidade do

Porto) têm o maior interesse para o conhecimento das populações que em tão recuado tempo habitaram a região.

As peças recolhidas totalizam algumas centenas, abundando os vasos cerâmicos (pré-campaniforme e campaniforme), as placas de xisto gravadas (cerca de três dezenas), os ídolos de calcários (um oculado), artefactos de sílex e de osso, machados, enxós, objectos de adorno e mais de um milhar de contas de colar, muitas de calaíte.

A próxima campanha de escavações — a realizar pelos mesmos arqueólogos — terá por objectivo um rico monumento funerário concelhio (uma «Tholos») que se presume inviolado.

*Notícias de Ovar de 18-4-1968*

### **Escavações no Castro Pré-histórico da Rotura**

O estudante universitário e nosso prezado conterrâneo sr. Vítor dos Santos Gonçalves tem estado a dirigir, nas últimas semanas, várias escavações no Castro da Rotura, próximo da nossa cidade, trabalhos estes que são subsidiados pelo Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia. O estudo dos materiais agora recolhidos e de outros da mesma estação pré-histórica será objecto de um trabalho intitulado «O Castro pré-histórico da Rotura — Tipologia e Ambientização Cultural», que constituirá a tese de licenciatura deste nosso estimado colaborador, a apresentar no próximo ano à Faculdade de Letras de Lisboa.

Segundo nos confiou Vítor Gonçalves, a estação da Rotura tem revelado interessantíssimos vestígios da 1.ª Idade dos Metais e a sua completa exploração é muito importante para o estudo na Culutra do Vaso Campaniforme em Portugal. As escavações agora efectuadas, no prosseguimento das realizadas em Dezembro passado, serão ainda objecto de uma nova campanha a levar a efeito no próximo Verão, em Julho, prolongando-se possivelmente em Agosto.

*O Setubalense de 22-4-1968*

### **Achados arqueológicos no Monte de Santa Luzia (Viseu)**

A Companhia Portuguesa de Fornos Eléctricos entregou à Câmara Municipal de Viseu algumas peças arqueológicas encontradas no Monte de Santa Luzia.

Esta recolha foi feita no decurso dos trabalhos da exploração de quartzo de que a referida empresa é concessionária.

A Câmara vai dar às peças arqueológicas recebidas o destino prescrito na específica legislação.

*Jornal de Viseu de 11-5-1968*

### **Primeira campanha de escavações na gruta do Cabeço da Rainha (Vimeiro)**

O grupo de trabalho do Museu Nacional de Arqueologia, constituído pelos drs. Farinha dos Santos e Veiga Ferreira e pelo abade Jean Roche, termi-

nou ontem a primeira campanha de escavações na gruta do Cabeço da Rainha, na região do Vimeiro, onde se conseguiram resultados que abrem largos horizontes à Pré-história portuguesa.

Durante três semanas os referidos arqueólogos, coadjuvados por dois operários, abriram uma vala, por camadas e com o maior rigor metodológico, nas duas salas principais da gruta, o que lhes permitiu uma rigorosa leitura estratigráfica dos depósitos pleistocénicos ali existentes.

Na fase inicial dos trabalhos a sondagem conseguiu determinar uma formação fluvial, num terraço a cerca de 40 metros acima do nível do mar, o que constitui importante descoberta para a geologia do Quaternário pois foi a primeira vez que se observaram em Portugal vestígios de um terraço fluvial numa gruta, a permitir a datação geológica dos seus níveis.

A vala de sondagem realizada, perpendicularmente à primeira, na sala contígua alcançou o comprimento de 19 metros, por 1 metro de largura e cerca de 3 de profundidade e foi aí que se obtiveram resultados que podem ser considerados espectaculares.

Por baixo de um espesso manto estalagmítico com cerca de 60 centímetros, que foi necessário rebentar a tiro, encontraram-se, sucessivamente duas camadas: a do Paleolítico superior, com instrumentos de sílex, microfauna e ossos de aves, cervídeos, bois, cavalos e porcos. O estrato inferior, de terra amarelo-acastanhado, revelou outra cultura mais antiga o Mustierense,

com fauna grossa já extinta (*Hyaena spelea*, *Felis pardus*, *Felis pardina*) e datada entre cerca de 80 000 a 50 000 a.C. pelos instrumentos líticos, em quartzo e sílex, encontrados (raspadeiras e lascas trabalhadas com técnica do Mustierense superior) e na qual apareceram restos, muito fossilizados, do próprio homem (três incisivos inferiores de adulto e a parte distal de um humero humano).

Esta escavação, em que colaboraram os Serviços Geológicos de Portugal e os proprietários das Águas do Vimeiro, prosseguirá no próximo ano, num importante talhão da grande sala da gruta, em direcção a Noroeste, onde se identificaram, com o maior rigor, uma ocupação do Paleolítico superior e outra mais antiga, do Paleolítico médio. Estas valiosas descobertas em camada neanderthalense vêm confirmar achados anteriores, realizados pelos técnicos dos Serviços Geológicos de Portugal, nas grutas das Salemas e da Columbeira.

*Diário de Notícias* de 21-5-1968

### **Miróbriga dos Célticos, Santuário campestre. O Templo, as Termas e o Circo.**

Em 25 de Maio último o Professor Doutor D. Fernando de Almeida proferiu na Sociedade Martins Sarmento uma conferência sobre o tema em epígrafe, de que se transcreve o resumo publicado no «Notícias de Guimarães» de 1 de Junho de 1968:

Ao iniciar o seu trabalho, o Prof. D. Fernando de Almeida agradeceu as palavras do Sr. Presidente e disse quanto lhe era grato vir à Sociedade Martins Sarmento, a primeira Sociedade de Arqueologia que o fez seu sócio. Por outro lado prestou rendida homenagem ao Sr. Coronel Mário Cardozo, continuador de Martins Sarmento e que pela sua actividade constante e erudita a que a idade não põe limites, pelo Museu que dirige, um dos melhores do País, e pela revista que edita e sai regularmente, sem desfalecimento, duas vezes por ano, conhecida e estimada em todos os meios arqueológicos, pode sem dúvida ser considerado na actualidade, como o patrono da Arqueologia Nacional.

Entrando no assunto da sua conferência, sobre o Santuário campestre romano de Miróbriga dos Célticos, começou por recordar lugares sagrados, campestres, conhecidos desde a Idade da pedra até à actualidade, onde a tradição levou à escavação da espectacular grande gruta, cemitério e templo, que é o Vale dos Caídos, no Guadarrama.

Do tempo de Roma conhecem-se muito poucos santuários campestres. Em França há o de Champlieu e poucos mais; em Espanha resta um, perto de Sevilha, em Munígua, escavado por arqueólogos alemães. Nós temos o de Miróbriga dos Célticos. Tinham estes santuários romanos três elementos: o templo, as termas e geralmente um anfiteatro. Em Miróbriga o Santuário foi substituído por um circo, para corridas de carros de cavalos. Porquê

esta substituição em Portugal (no de Espanha ainda não apareceu o edifício para fins lúdicos) de anfiteatro pelo circo? Disse que talvez a explicação possa dá-la o facto dos cavalos da Lusitânia terem fama de muito velozes. Possivelmente seria a larga criação de cavalos que levaria em Torre de Palma, «villa» romana do Alentejo, à decoração de uma grande sala com mosaicos onde aparecem cavalos de corrida, o principal ornamento e todos com o nome ao lado. E não esqueçamos que o maior corredor de quadrigas, nos anfiteatros de Roma, foi um lusitano, de nome Gaio Apuleio Diocles, a quem o orador pretende prestar homenagem no circo de Miróbriga.

Seguidamente e para concluir a sua exposição, fez projectar vários diapositivos, que comentou elucidativamente.

*Notícias de Guimarães* de 1-6-1968

### **O Castelo de Pégores próximo de Montemor-o-Novo**

Na serra de Pégores, a poucos quilómetros de Montemor, à beira da estrada de Évora e dominando vasto panorama existe um *oppidum* romano que necessita ser posto a descoberto a bem da arqueologia e do turismo.

Conhecíamos-lo já por informação tirada do arquivo do Cabido, livro das *Demarcações antigas* feito em 1424 (3-1-34, v.º).

Pégores nome árabe ou arabizado que parece provir do *pecus-pecoris* latino (*gado*) foi uma propriedade dos cónegos de Évora, por alturas do sé-

culo XIV, a qual fora de Gouvinhas e seus herdeiros de quem a recebeu Fernando Afonso Cicioso que a deu ao Cabido para aniversários por alma de D. Diogo, Bispo de Évora de 1413 a 1416 e depois Arcebispo de Lisboa.

Uma parte foi trocada com Vasco d'Antas e acrescentada com herdamento de João Rodrigues, cónego, o qual também deixou terras em Peralmanca.

Hoje está dividida em Pégores de Baixo e de Cima e vinha entestar no «Castelo» de Pégores.

Impunha-se uma visita, ainda que breve ao local e que nos satisfizes plenamente.

Logo no Monte da Serra encontramos uma mó de granito e outra além do ribeiro, vindo a saber por informações, que outras foram atiradas lá do alto pela serra abaixo!

Por toda a encosta se nos deparam fragmentos de cerâmica e da parte do sul observamos um talude com vestígios de parede, talvez a primeira muralha, já em grande parte destruída.

Na parte mais alta do cabeço (cota 284) começa o último lanço em leve declive para o norte envolvendo o castro em muralha contínua fechada por um edifício rectangular dividido em partes desiguais por uma parede interior.

Árvores e arbustos crescem à vontade nesta cidade morta que esconde aos nossos olhos uma história milenária.

Na encosta nascente uma depressão de terreno minado pelos buracos dos coelhos parece ter sido outrora fonte ou comunicação com a fortaleza.

Que a notícia da sua descoberta que pela primeira vez se dá a conhecer ao mundo científico desperte as entidades competentes para que um dia se possa efectuar uma exploração que nos desvende alguma coisa daqueles que em eras remotas souberam honrar com o seu esforço a terra alentejana.

*P.º Henrique da Silva Louro».*

*O Montemorense* de 2-6-1968

### **Sepultura encontrada em Ponte de Lima**

Quando, numa bouça da freguesia de Souto-Rebordões, em Ponte de Lima, se procedia à abertura dos fundamentos para o novo edifício da escola, foi posta a descoberto uma sepultura com indícios de muito antiga, composta de fundo de tijolo, paredes e tampa de granito, tendo sido encontradas dentro duas caveiras humanas. Estas foram recolhidas pelo pároco da freguesia, e foi já solicitada a comparação dum arqueólogo, para avaliar da importância do achado.

*O Comércio do Porto* de 4-6-1968

### **Achados romanos na cidade de Setúbal**

Durante os trabalhos de abertura de valas destinadas a receberem os ali-cerces de um edifício que está em construção na Rua de Antão Girão, entre os números de polícia 40 e 52, surgiram, a partir da profundidade de cerca de 1 m, inúmeros vestígios de ocupação romana.

Seguimos de perto esses trabalhos e tivemos oportunidade de verificar que, em toda a área (13×10 metros) onde foram efectuadas escavações, o terreno apresenta em corte vertical a seguinte sucessão de camadas: Da superfície até à profundidade de cerca de 1 m vestígios de alicerces de construções recentes; da profundidade de cerca de 1 m até à profundidade de 2 m nível de ocupação romana constituído por «lama» negra contendo grande densidade de materiais arqueológicos em que abundam cerâmicas de construção (tijoleiras, tijolos, telhas curvas — *imbrices* — e telhas de rebordo — *tegulae* — e de uso comum como ânforas e *dolia* (grandes potes).

*Carlos Tavares da Silva*

*O Setubalense* de 15-6-1968

### **Castro de Murganho (Sernancelhe)**

Os srs. drs. Afonso Pereira de Azevedo e Mário Xavier de Araújo, professores do Liceu de Lamego, encontraram um castro no lugar de Murganho, freguesia de Arnas, concelho de Sernancelhe. Até mais minuciosas investigações, o castro pertence visivelmente à cultura celtibérica. São dignos de menção vários restos de casas, uma casa redonda, com reserva à frente, que se apresenta muito bem conservada, e ainda várias pedras esculpidas.

*O Comércio do Porto* de 17-6-1968

### **Perímetro de protecção para as ruínas de Tróia (Setúbal)**

Uma portaria assinada pelo subsecretário de Estado da Administração Escolar e publicada no «Diário do Governo» de ontem, fixa o perímetro de protecção, incluindo a zona vedada à construção, das ruínas de Tróia, em Setúbal, classificadas como monumento nacional, por Decreto de 16 de Junho de 1910.

As ruínas de Tróia ficam situadas na península arenosa em frente a Setúbal, entre o Atlântico e o Sado. Os historiadores antigos dizem que deve ter sido, outrora, uma ilha, que se ligou ao continente mais tarde, em época indeterminada. Habitada desde os tempos pré-históricos, como o demonstram os achados líticos dessa época, serviu de entreposto comercial aos Fenícios e a outros navegadores que, percorrendo a nossa costa, se dirigiam para o Norte.

Tróia tornou-se importante, a partir do século I da nossa era, quando os Romanos ali ergueram uma cidade de certa relevância, que vivia principalmente da pesca e da salga do peixe, como atestam as inúmeras salgadeiras, que em 1858 ainda se estendiam ao longo do Sado, numa extensão de quatro quilómetros.

Nos últimos anos foram ali realizadas importantes escavações arqueológicas que permitiram reunir espólios muito valiosos. Devido a certas empresas turísticas pretenderem construir naquela península hotéis e outros edifi-

cios, houve a necessidade de proteger a zona histórica, o que se fez agora, mediante portaria governamental.

*Diário de Notícias* de 3-7-1968

### **Cepos de âncoras encontrados ao largo de Sesimbra**

Dois cepos de âncoras romanas, que devem ter cerca de 1700 anos, foram descobertos, há dias, em águas próximas de Sesimbra. Importante achado arqueológico, vem trazer uma valiosa achega para que se organize cientificamente a arqueologia subaquática em Portugal.

Tudo começou no passado dia 23, quando o professor Vilar Moreira e os seus alunos do curso de actividades submarinas da Mocidade Portuguesa, que realizavam um mergulho de treino na zona sul do cabo Espichel, no local conhecido por Mar do Ancão, encontraram, à profundidade de 25 metros, o cepo de uma âncora muito antiga. A referida peça, que os descobridores depositaram no Departamento Marítimo de Sesimbra, foi estudada dias depois pelo prof. D. Fernando de Almeida, que comunicou o achado à Associação dos Arqueólogos. No último domingo, os mesmos mergulhadores voltaram a encontrar outro cepo de âncora, na mesma área e a profundidade aproximada.

A descoberta destas duas importantes peças arqueológicas levou a Sesimbra o dr. Farinha dos Santos, para proceder ao seu estudo, na qualidade

de vogal da competente secção da Junta de Educação Nacional.

O primeiro dos cepos de âncora é de chumbo, pesa 130 quilos e mede cerca de metro e meio de comprimento, pesando o segundo, também de chumbo, 350 quilos e medindo dois metros e quinze. São duas peças bem conservadas e do mesmo tipo das que têm sido encontradas em vários lugares do litoral mediterrânico.

*Diário de Notícias* de 5-6-1968

### **Levantamento arqueológico no vale do rio Movene**

Estão concluídos os trabalhos respeitantes à primeira fase do levantamento arqueológico do vale do rio Movene, durante os quais foram descobertas nove estações, num total de 14, localizadas no mesmo vale, tendo-se efectuado uma colheita de cerca de 500 peças, distribuídas por sete estações.

*Diário do Alentejo* de 10-7-1968

### **Aparecimento de uma sepultura muito antiga, em Leiria**

Quando se procedia à abertura dum valas para os alicerces dum prédio, num terreno situado a meio e a nascente da Rua Henrique Sommer, nesta cidade, apareceu uma sepultura de grande antiguidade, ainda com as ossadas.

Sob o fundo térreo, cobertas por

uma laje, sem qualquer cipo ou inscrição, as pedras tumulares, aparelhadas e unidas por uma argamassa rudimentar, limitam a sepultura, terminando em nicho tosco, onde repousava a cabeça.

Dado que há lembranças de que já há cerca de 30 anos ao fazerem-se outras construções no local, apareceram variadas ossadas — é de presumir que naquele local, outrora matagal, entre os Conventos de Santana e de Santo Agostinho, tivesse sido cemitério, cuja memória dos tempos esqueceu.

As autoridades locais tomaram conta do achado.

*O Comércio do Porto* de 17-7-1968

### **Vestígios romanos descobertos perto de Monção**

Na freguesia de Longos Vales, deste concelho, foram encontrados numerosos vestígios da colonização romana na península. Entre os achados figuram diversas construções circulares, fragmentos de tégula e de ânforas e algumas moedas.

*O Século* de 21-7-1968

### **Estação do paleolítico superior descoberta nos arredores de Lourenço Marques**

Situa-se entre os 5000 e os 10 000 anos antes de Cristo uma cultura do paleolítico superior africano, denominada «Magosiense», de cuja existên-

cia foram agora encontrados vestígios numa estação arqueológica descoberta na estrada da Namaacha, arredores desta cidade, pelo Centro de Estudos de Arqueologia da Associação Académica.

Os vestígios de ocupação humana detectados pela observação de um total de 170 amostras recolhidas na região levam a pensar que a estação agora descoberta será a única, até agora conhecida, em que a referida cultura aparece devidamente individualizada, pois eram escassos e mal definidos os seus sinais nas poucas estações arqueológicas até hoje localizadas em Moçambique.

A estação arqueológica agora descoberta data de um período recuado. Remonta, talvez, a uma era quando o deserto do Sahará ainda não formava a barreira geográfica que hoje constitui.

Pelos vestígios de ocupação humana encontrados e pela época em que se situam pensa-se que as populações que formaram essa ocupação se dedicavam fundamentalmente à pesca e à caça, como únicos meios de subsistência.

Não praticariam agricultura nem criariam gado, possuindo um modo de vida muito semelhante ao dos actuais aborígenes da Austrália e aos papuas da Nova Guiné.

Esclarece-se que, por volta do ano 3000 antes de Cristo, apenas as planícies se tinham começado a definir como deserto, no Sahará, enquanto que, nas montanhas, ainda existiam zonas de criação de gado.

Além do achado da nova estação arqueológica, na estrada da Namaacha o Centro de Estudos de Arqueologia da Associação Académica de Moçambique encontrou, em anteriores pesquisas, entre outros achados de invulgar interesse, dois troços de rio, que são as únicas formações conhecidas em Moçambique pertencentes ao terceiro pluvial, isto é, datadas de entre os 250 mil e os 150 mil anos antes de Cristo. Estas formações continham instrumentos fabricados a partir de calhaus rolados, entre os quais alguns atribuídos a uma cultura definida e denominada «acheulense superior».

*O Século* de 23-7-1968

### **Descoberto em Caranguejeira um mosaico romano**

Foi descoberto há dias no lugar de Caranguejeira, a 13 quilómetros de Leiria, um pavimento constituído por mosaicos romanos, de grande valor, o que atesta que a região de Leiria teve intensa ocupação romana.

Assim que teve conhecimento do facto, deslocou-se ao local, para confirmação do achado, a convite da Comissão Regional de Turismo, o arqueólogo, dr. Bairrão Oleiro, do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra. Supondo-se fazer parte da desaparecida cidade Collipo, conjuntamente com as últimas descobertas ali ocorridas.

É um vasto mosaico de figuras gregas, entrelaçadas, formando um fino

desenho e supõe-se ter pertencido a um «domus», talvez do século III da era cristã.

Aquele mosaico prolonga-se por debaixo da estrada alcatroada e grande parte dele foi destruído por uma cavadora que preparava o terreno de uma casa velha, demolida para uma nova edificação.

*Diário do Ribatejo* de 28-7-1968

### **Amigos da Citânia de Sanfins**

Como noticiámos, efectuou-se, na Casa da Igreja, a primeira reunião da associação cultural «Amigos da Citânia de Sanfins» para exame do futuro estatuto pelo qual se há-de reger, a par de regulamentos específicos concernentes ao carinho, estudo, protecção e propaganda das ruínas pré-históricas da Citânia concelhia.

Em mesa redonda, a que presidiu em orientação constante o sr. dr. Domingos de Pinho Brandão, prelado auxiliar de Leiria, participaram na apreciação os elementos fundadores, srs. dr. Jorge da Fonseca Jorge, governador civil do distrito; eng. Ramiro do Rosário, presidente do Município; rev. dr. António Augusto Tavares; professor pintor Amândio Silva; escultora D. Irene Villar; dr. Jaime de Barros; rev. Alexandrino Brochado; arq. Jodo Rodrigues dos Santos; prof. Manuel Vieira Dinis; rev. Armando Coelho e arq. Manuel Huet Aranha Furtado de Mendonça.

Presentes também a sr.<sup>a</sup> dr.<sup>a</sup> D. Manuela Alcântara Santos, rev. dr. Ângelo

Alves, e os srs. dr. Fernando Dias de Carvalho Conceição e dr. Sousa Oliveira.

Feito um intervalo, deu-se por inaugurada a instalação de um «bar» na Casa-Museu, a cargo do Grémio dos Exportadores de Vinho do Porto, acto de que se encarregou o sr. Manuel Moreira de Barros, da Direcção daquele organismo.

Seguiu-se um almoço regional a que presidiu o chefe do distrito, ocupando a mesa de honra, entre outras pessoas, o bispo titular de Filaca, a sr.<sup>a</sup> eng.<sup>a</sup> D. Lúcia Peres do Rosário, o juiz da comarca, sr. dr. Gelásio Rocha; Moreira de Barros, eng. Edgard de Oliveira, Rob'n Allan Noelle Reid, De in Furlerton Symington, D. Maria José Nogueira de Barros, senhora de Sá Fernandes, rev. fr. Bonifácio, rev. Brochado, etc.

Proferiram brindes alusivos aos destinos da Citânia, e especialmente quando à magnífica função que o novo grémio cultural virá a realizar nos diversos campos da história regional, da técnica arqueológica e programa de intercâmbio e de estudo que poderá proporcionar a quantos se debruçam em buscas dos mistérios etnológicos do passado, os srs. eng. Ramiro do Rosário, rev. dr. Tavares, D. Domingos Brandão e, por último, o sr. dr. Fonseca Jorge.

Foi sobremodo posto em destaque o período de escavações que cabem ao rev. Jalhay, e após o falecimento deste pelo sr. tenente-coronel Afonso do Paço, e que ao cabo de 25 anos encontraram, além de alguns pacenses fran-

camente apaixonados pelas investigações na remota cidade velha, o melhor apoio da Câmara, e de que a vereação actual e expressivamente pelo seu presidente dava um exemplo reconfortante e animador.

Em segunda sessão de assuntos pró-Citânia foram eleitos por entre aplausos:

*Assembleia Geral* — Presidente, tenente-coronel Afonso Paço; vice-presidente, eng. Ramiro do Rosário; secretário, dr. Ramiro Fernando Carvalho Conceição.

*Direcção* — Presidente, D. Domingos de Pinho Brandão; vice-presidente, prof.-pintor Amândio Silva; secretário, rev. Armando Coelho da Silva; tesoureiro, arq. Manuel Huet Aranha Furtado de Mendonça; vogais, dr. Sousa Oliveira, prof. Vieira Dinis e rev. dr. Carlos Alberto Ferreira de Almeida; suplentes, rev. Alexandrino Brochado, escultora D. Irene Vilar e arq. Fernando Lanhas.

*Comissão de Contas* — Arq. Fernando Rodrigues dos Santos, rev. dr. Ângelo Alves e Francisco Pereira Lino.

Em comemoração dos 25 anos de escavações na Citânia de Sanfins, a Câmara Municipal preparou a edição de uma medalha de que é autora a escultora D. Irene Vilar.

*O Comércio do Porto* de 1-8-1968.

### **Trabalhos arqueológicos no castro de Sabrosa**

Deslocou-se ao castro de Sabrosa, situado a dois quilómetros a norte desta vila, onde decorrem trabalhos de pros-

peção arqueológica, o sr. prof. dr. Santos Júnior, director do Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia», da Universidade do Porto. Ali verificou as tarefas já efectuadas e orientou novos trabalhos de pesquisa da face interna da muralha norte, tendo a mesma sido descoberta e achados numerosos fragmentos de cerâmica com algum interesse.

Mereceu especial estudo àquele ilustre professor o duplo fosso, exterior à muralha, onde parece existir uma «crista de pedras fincadas».

*Jornal de Notícias* de 6-8-1968.

### **Inscrição árabe descoberta em Salir (Loulé)**

No sítio das Pontes, da freguesia de Salir, numa propriedade do sr. Dr. António Teixeira Dias Quintino, foi, há dias, encontrado um fragmento de inscrição árabe, que estava enterrado a cerca de meio metro da superfície do solo e o tractor arrancou.

O sr. dr. António Quintino teve uma atitude absolutamente dignificante, pois ao Director do Museu Arqueológico de Faro, sr. dr. Pinheiro e Rosa, que a Salir se deslocou expressamente para ver a lápide, fez entrega do achado, oferecendo-o espontânea e incondicionalmente ao Museu e prometendo dar o mesmo destino a quaisquer outros que em suas terras apareçam.

*O Algarve* de 18-8-1968.

### **Encontrados em Braga vestígios da antiga cidade romana**

Nas escavações que estão a ser feitas para a construção de um edifício, nas proximidades da Sé, têm sido encontrados numerosos fragmentos de cerâmica romana e, além disso, outros valores arqueológicos mais importantes, entre os quais bases de colunas romanas e uma coluna completa, da mesma época.

Também na colina de Maximinos, onde estão a ser levantadas numerosas construções, ao proceder-se à abertura de valas para os alicerces, foi encontrado um grande pano da muralha da primitiva cidade, destruída por ocasião da invasão árabe. Estes importantes achados arqueológicos estão a ser estudados pelos técnicos, tendo as colunas dado entrada no museu da Junta Distrital.

*A Capital* de 29-9-1968.

### **Prospecções Arqueológicas em Vila Franca do Campo**

No prosseguimento das investigações arqueológicas que o Dr. Sousa d'Oliveira está a realizar nesta Vila, foi estabelecido um novo campo de trabalho na zona conhecida por Terras do Palratório.

As prospecções até agora efectuadas no referido local trouxeram ao nosso conhecimento a existência de vários extractos, em dois dos quais foram recolhidos alguns fragmentos de louças

de barro e louças vidradas, estas tipicamente diferenciadas, pois contêm elementos decorativos próprios das faianças portuguesas dos séculos XVII e XVIII.

Digno de menção é também o facto de haver aparecido numa terceira camada de terreno que se encontrava, aproximadamente, a 2 metros de profundidade, toda uma cobertura de cinzas e carvões vegetais, com vestígios cerâmicos, incluindo fundos, fragmentos de bojos e um bocal de vasilha, cuja argila, relativamente fina e de cor alaranjada, continha imensas partículas de mica.

O achado destas últimas louças, que no parecer do nosso arqueólogo são produtos de importação, constitui mais um importante subsídio para o estudo da primitiva Vila Franca do Campo, destruída pelo terramoto de 1522.

*Correio dos Açores de 29-9-1968.*

### **Vestígios arqueológicos na herdade de Borrazeiros (Moura)**

Na herdade de Borrazeiros, do concelho de Moura, hoje pertencente ao nosso prezado amigo dr. Nataniel Pedro, foi há anos posta a descoberto uma estação arqueológica, na altura em que um tractor revolvia uma grande parcela de terreno que não tinha sido utilizada para quaisquer culturas pelo menos em épocas recentes.

Durante a operação apareceram imensos tijolos e outros materiais de construção, uma bela coluna de 2 me-

tros de altura, um friso em mármore trabalhado e uma outra pedra com 3 cavidades, lembrando a ombreira duma porta, peças que consideramos de origem romana.

Quanto ao local, tudo nos leva a crer que em Borrazeiros existiu uma das muitas vilas que os Romanos possuíam no Baixo Alentejo, dada a grande quantidade de materiais de construção dessa origem aí achados e a fertilidade da herdade, que os visigodos mais tarde teriam ocupado.

Quase na mesma altura apareceu também, a cerca de 300 metros do local onde foi encontrado este espólio arqueológico, uma pequena necrópole.

As sepulturas tinham aproximadamente 2 metros de comprimento e, todas elas, com excepção de uma, eram revestidas de tijolos e tapadas com lajes de xisto.

A única sepultura que foi possível salvar em parte, estava revestida de blocos de mármore e tapada com uma ardósia.

Dos ossos apenas se salvaram 2 crâneos que a mesma sepultura continha — um de homem e outro de mulher — pois tudo o mais o tractor destruiu.

*J. Fernandes Mascarenhas*

*Jornal de Moura de Set.-1968.*

### **Campanha de escavações de 1968 em Conimbriga**

Na campanha de escavações que este ano ali foi levada a efeito, e terminou ontem, com a colaboração da Facul-

dade de Letras de Bordéus e do Museu Monográfico de Conímbriga, dirigida respectivamente pelos arqueólogos Prof. Robert Étienne e Dr. Jorge Alarcão, foram de novo trazidos à luz do sol preciosos motivos que há mais de um milénio se encontravam sepultados.

Referimo-nos já, ao aparecimento, durante este período de escavações, que se propunha ser o último desta série, de uma perna de uma grande estátua de mármore, que calçava uma bota militar, e se supõe ser de algum Imperador ou guerreiro famoso — obra escultórica de notável interesse, infelizmente não encontrada na sua totalidade.

Após este e outros achados, os arqueólogos que ali trabalhavam, bem como os estudantes franceses e portugueses que os coadjuvavam, redobram de interesse nas pesquisas a efectuar naquela desconhecida zona do «forum» e, na verdade, os seus esforços parece terem sido coroados de pleno êxito, pelos resultados a que se chegou.

Debaixo do «Forum», foi descoberto um monumento enorme, mais antigo que aquele, e que, por tal, seria anterior à ocupação romana, monumento esse que teria sido destruído para a construção do «forum».

O aflorar deste monumento, como se compreende muito destruído, constituiu uma agradável surpresa para as equipas de escavação, que, no entanto, ainda não conseguiram identificar a origem deste grande edifício, presumindo, que se trate de um templo.

Por tal motivo, ficou resolvido que no próximo ano se proceda a nova campanha de escavações, ainda com a colaboração da Faculdade de Letras de Bordéus, para completar os trabalhos iniciados agora e que não permitem uma completa identificação daquelas ruínas.

No entanto o Dr. Jorge Alarcão, reputa como de maior valor os achados de cerâmica grega, cuja época não se pode estabelecer, dado que deve ser muito recuada, bem como de cerâmica da época republicana e da Idade do Ferro, acrescentando:

«Essas peças de cerâmica, revestem-se de extraordinário interesse, na medida em que permitem estabelecer uma relação entre a região de Coimbra e os Castros da zona do Baixo Mondego, escavados pelo Dr. Santos Rocha, e cujo espólio se encontra no Museu da Figueira da Foz, Castros esses dos quais se destaca o de Santa Olaia».

Também foi com grande surpresa e não menor contentamento, que os exploradores encontraram um tesouro de 360 moedas de bronze, do século IV.

Como se prova, Conímbriga ainda tem muito que «dizer» e os próprios arqueólogos, não obstante a sua reconhecida competência não conseguiram ainda decifrar toda a sua milenária vida, o significado de muitos dos motivos que vão trazendo à superfície.

*Primeiro de Janeiro de 1-10-1968.*

### Curso «Breve introdução à arqueologia»

Conforme já foi anunciado, terá início pelas 21.30 horas do dia 4 de Novembro próximo, o Curso «Breve Introdução à Arqueologia», a segunda de um ciclo de manifestações estudado pelo Grupo Pró-Évora e patrocinado e subsidiado pela Fundação Calouste Gulbenkian e por diversas entidades de Évora. O programa deste curso é o seguinte:

*Sessões teóricas 14: I* — Introdução à ciência arqueológica. *II* — O Paleolítico; 1 — Paleolítico Inferior: a) Meio ambiente; principais indústrias, a) O homem fóssil, c) A vida quotidiana, d) O Paleolítico Inferior em Portugal; 2 — Paleolítico Superior; a) Meio ambiente; principais indústrias, b) O homem «sapiens», c) O problema da Arte (Arte mobiliária e Arte rupestre), d) A vida quotidiana; e) O Paleolítico Superior em Portugal. *III* — O Mesolítico português. *IV* — O Neolítico; a) O meio ambiente; características, b) O culto dos mortos, c) O Neolítico em Portugal.

*Sessões práticas:* Quatro visitas à gruta do Escoural e a várias antas.

Este curso será regido por:

Sessões teóricas, dr. Adelino Marques de Almeida, reitor do Liceu Nacional de Évora; e sessões práticas, dr. José Fernandes Ventura, professor de História na Escola de Regentes Agrícolas de Évora.

As sessões serão semanais, realizan-

do-se às segundas-feiras pelas 21.30 horas.

*Jornal de Évora* de 27-10-1968.

### Encontrados num túmulo os restos mortais de um bispo de Leiria do séc. XVIII

Na Sé Catedral desta cidade, que no momento está a passar por trabalhos de remodelação, foram encontrados, num túmulo de pedra, que se encontra debaixo do altar do Santíssimo Sacramento, próximo do altar-mor, os restos mortais de D. Miguel de Bulhões de Sousa, frade dominicano, natural de Aradas (Aveiro), onde nasceu em 1706, falecendo, nesta cidade, em 1779. No Brasil, como bispo do Pará, foi um fiel executor da política do Marquês de Pombal contra a Companhia de Jesus. De regresso a Portugal, ocupou a cadeira episcopal desta cidade até à sua morte.

O seu corpo, paramentado com as vestes episcopais, foi encontrado no referido túmulo, onde se lê o seu nome. Seguindo a monografia «Subsídios para a História da Diocese», do dr. Afonso Zuquete, que foi governador civil de Leiria, onde o nome do purpurado vem referido, fica-se a saber que o mesmo contribuiu para o desenvolvimento desta cidade, promovendo diversos melhoramentos, como a construção do escadório do monte da Senhora da Encarnação.

*O Século* de 30-10-1968.

### O Museu de Viana do Castelo vai ser aumentado

Estão em curso, no Museu desta cidade, obras de instalação de uma sala de Arqueologia, destinada a recolher um vasto espólio do paleolítico e do neolítico, que constitui, desde há muitos anos, património camarário; esta iniciativa deve-se ao director do Museu e vereador do pelouro de Cultura, sr. Artur Sandão. A maior parte desse espólio resultou das escavações feitas, no litoral vianense, pelo falecido arqueólogo e investigador Abel Viana, ajudado nessas empresas pelo escritor José Rosa Araújo, e já em tempos esteve exposto em vitrinas, numa das salas do Museu. Nesse tempo, porém, não existia o recheio actual, constituído pelas excelsas colecções de cerâmica, mobiliário e peças artísticas, doadas ao Município pelo benemérito Manuel de Espregueira e Oliveira, e que o seu usufrutuário sr. eng. Roberto Espregueira Mendes imediatamente entregou à Câmara Municipal — gesto que nunca vimos devidamente enaltecido na sua validade e generosidade. Tal recheio modificou totalmente as características do nosso Museu, que ficou sendo, desde então, um dos mais notáveis do País; as peças arqueológicas, sem perderem o seu valor e interesse, passaram a segundo plano, mas vão ser, agora, apresentadas e expostas na sala em que falámos.

O Século de 21-10-1968.

### Inscrição latina achada em Azaruja

Esta freguesia onde há tempo se achou junto à igreja de S. Bento do Mato, uma ara votiva à deusa da saúde, hoje no museu de Vila Viçosa, abundante em vestígios romanos, como as suas vizinhas de S. Miguel, Freixo, Evoramonte, etc., acaba de nos surpreender com uma inscrição tumular.

Ao fazer-se uma lavoura próximo do monte da herdade da Venda, propriedade do sr. dr. Álvaro de Sousa Rego, apareceu uma pedra de calcáreo granulado, rectangular, ornada com um filete e a seguinte inscrição:

Q. TVLLIVS HABITI  
F. GAL. MODESTVS  
AN. XX. TVLLIA HABITI  
F. TVSCA ANVO ALFIVS  
MODESTVS HSSSVTL  
MATEROS

Em português:

*Quinto (Quíncio, Quintílio) Túlio filho de Hábito, Galo Modesto, de vinte anos de idade, Túlia, filha de Hábito, Tusca Anuo, Alfio Modesto, aqui estão sepultados. Que a terra vos seja leve.*

Trata-se pois dum sepulcro familiar. O nome de *Materos* escrito já no filete interpretamo-lo como sendo o do gravador da inscrição.

A época da sua feitura remonta do século III ou IV depois de Cristo.

Na região de Elvas têm aparecido e no museu daquela cidade há uma que fala de *Titus Clodius Modestus*, proveniente de Santa Eulália.

Jornal de Évora de 22-10-1968.

### **Ruínas romanas da Areia (Casais Velhos, Cascais)**

Com o intuito de valorizar as riquezas arqueológicas do concelho, a Câmara Municipal procedeu ao desentulhamento e limpeza das ruínas romanas da Areia (Casais Velhos), sob a orientação do sr. eng. D. António de Castelo Branco e a colaboração do Dr. Veiga Ferreira, dos Serviços Geológicos de Portugal.

Sabemos que a Câmara pensa realizar, no futuro, escavações metódicas em toda a área destas ruínas, uma vez concedida a necessária autorização do Ministério da Educação Nacional.

Os trabalhos de limpeza e de obstrução destas ruínas foram recentemente visitados pelo Prof. D. Fernando de Almeida, director do Museu Nacional de Arqueologia, Dr. Farinha dos Santos, conservador do mesmo museu e director do Panteão Nacional, Dr. Reynier Flaes, ilustre arqueólogo holandês e o sr. vereador Martinho de Oliveira.

*A Nossa Terra* de 1-11-1968.

### **Campanha de escavações de 1968 na Citânia de Sanfins**

Na Faculdade de Ciências do Porto, sob a presidência do sr. prof. Abel Tavares, secretariado pelo sr. dr. Osvaldo Freire, reuniu em sessão científica a Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. O rev.º dr. Carlos Alberto Ferreira de Almeida apresentou uma comunicação sobre «Escavações na Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira) — campanha de 1968». O ilustre etnólogo referiu-se à Citânia de Sanfins,

uma das mais características citânias da cultura castreja e uma estação preciosa para o estudo da primeira romanização no Noroeste Peninsular. Depois, sempre escutado com grande interesse pelo auditório, falou das escavações que ali realizou este ano, que, embora de curta duração e muito limitadas, possibilitou a descoberta de algumas sepulturas de rito crematório e de uma lareira em nível inferior ao da habitação.

A comunicação foi acompanhada de diapositivos.

*Jornal de Notícias* de 17-11-1968.

### **Estação Lítica de Superfície do Casal do Murtal (Loures)**

Em Janeiro de 1967, o signatário e Luís Vasco Salgado de Oliveira e Luís Simões Gomes, todos estudantes da secção de História da Faculdade de Letras de Lisboa, identificaram próximo de Chão de Minos, a cerca de 400 m para SE do marco geodésico do Murtal, uma estação lítica de superfície. Os materiais de sílex, quartzito e quartzo ali recolhidos, cujo estudo efectuaram sob a direcção do doutor G. Zbyszewski, dos Serviços Geológicos de Portugal, permitem desde já concluir que se trata de uma oficina pré-histórica de trabalho da pedra, dada a grande percentagem de resíduos de fabrico.

As peças acabadas recolhidas nessa área pertencem a vários horizontes pré-históricos entre o Paleolítico médio e o Eneolítico.

*Vitor Oliveira Jorge*